



Universidade de Aveiro  
2020

**LIU JIANAN**

**O MODO CONJUNTIVO EM PORTUGUÊS EUROPEU**



Universidade de Aveiro  
2020

**LIU JIANAN**

## **O MODO CONJUNTIVO EM PORTUGUÊS EUROPEU**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau do Mestrado em Português Língua Estrangeira / Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Fernanda Amaro de Matos Brasete, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

## **o júri**

presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

vogais

Prof. Doutor António Manuel dos Santos Ferreira (Arguente)  
Professor Associado c/ Agregação da Universidade de Aveiro

Prof<sup>a</sup>. Doutora Maria Fernanda Amaro de Matos Brasete (orientadora)  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

## **Agradecimento**

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos os que me apoiaram para tornar esta tese uma realidade.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Maria Fernanda Amaro de Matos Brasete, pela sua orientação, supervisão responsável e aconselhamento.

A todos os professores que me deram as suas opiniões.

Aos meus amigos, pelo apoio incondicional que me prestaram.

**palavras-chave**

Língua portuguesa, modo conjuntivo, sistema verbal, PLE

**resumo**

O objetivo do presente trabalho é tentar estudar a morfologia e a utilização do modo conjuntivo em PE. Centraremos-nos nas características do modo conjuntivo, começando por uma abordagem gramatical para de seguida nos concentrarmos na sua utilização em PE.

Este tópico foi escolhido devido às dificuldades que os estudantes chineses enfrentam na utilização da conjugação verbal portuguesa e na aprendizagem do emprego deste modo em PE.

Espera-se que a presente dissertação possa proporcionar uma melhor compreensão da morfologia e do emprego do modo conjuntivo aos alunos estrangeiros, nomeadamente chineses, que estudam Português como Língua Estrangeira ou Língua Segunda.

**keywords**

Portuguese language, conjunctive mode, verbal system, PLE

**abstract**

The objective of this work is to try to study the morphology and the use of the conjunctive mode in PE. We will focus on the characteristics of the conjunctive mode, starting with a grammatical approach and then agreeing on its use in PE.

This topic was chosen because of the difficulties that Chinese students face in using Portuguese verbal conjugation and learning how to work this way in PE. It is hoped that this dissertation will provide a better understanding of the morphology and employment of the conjunctive mode to foreign students, namely Chinese, who study Portuguese as a Foreign Language or Second Language

# Índice

Introdução.....	5
Capítulo 1- O conjuntivo em português europeu (PE): perspetivas gramaticais.....	7
1.1 Sobre os termos “modo” e “modalidade”.....	7
1.2 O conjuntivo em gramáticas de referência do português europeu (PE).....	8
1.3 Caracterização morfológica do conjuntivo em português (PE).....	9
1.3.1 Tempos simples do conjuntivo: presente, pretérito imperfeito, futuro.....	10
1.3.1.1. Presente do conjuntivo.....	10
1.3.1.2 Pretérito imperfeito do conjuntivo.....	12
1.3.1.3 Futuro imperfeito do conjuntivo.....	13
1.3.2 Tempos compostos do conjuntivo: pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito composto e futuro composto.....	14
1.3.2.1 Pretérito perfeito composto.....	14
1.3.2.2 Pretérito mais-que-perfeito composto.....	15
1.3.2.3 Futuro composto.....	15
Capítulo II – Distribuição do conjuntivo em português europeu.....	16
2.1 Os modos indicativo e conjuntivo.....	19
2.2 Tempos do conjuntivo.....	22
2.2.1 Presente do conjuntivo.....	22
Emprego.....	22
2.2.2 Pretérito imperfeito do conjuntivo.....	23
Emprego.....	23
2.2.3 Pretérito perfeito do conjuntivo.....	24
Emprego.....	23
2.2.4 Pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo.....	25
Emprego.....	25
2.2.5. Futuro imperfeito do conjuntivo.....	26
Emprego.....	26
2.2.6 Futuro perfeito do conjuntivo.....	28
Emprego.....	28
2.2.7 Condicional.....	28
2.3. O uso do conjuntivo em PE.....	30

2.3.1 Em frases simples.....	30
2.3.2 Em frases complexas.....	32
2.3.3. Em frases completivas.....	34
2.3.3.1 Orações completivas finitas.....	35
2.3.3.2 Orações completivas de adjetivo.....	37
2.3.3.3 Orações completivas de substantivo.....	38
2.3.4. Em frases relativas.....	39
2.3.4.1 Orações relativas restritivas.....	39
2.3.4.2 Orações relativas explicativas.....	42
2.3.4.3 Orações relativas livres.....	43
2.3.5 Orações subordinadas adverbiais.....	44
2.3.5.1 Orações subordinadas causais.....	44
2.3.5.2 Orações subordinadas concessivas.....	46
2.3.5.3 Orações subordinadas finais.....	48
2.3.5.4 Orações subordinadas comparativas.....	49
2.3.5.5 Orações subordinadas consecutivas.....	50
2.3.5.6 Orações subordinadas temporais.....	50
2.3.5.7 Orações subordinadas condicionais.....	52
<b>Conclusão.....</b>	<b>54</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>56</b>

## Índice de tabelas

Tabela 1.....	5
Tabela 2.....	10
Tabela 3.....	11
Tabela 4.....	11
Tabela 5.....	12
Tabela 6.....	12
Tabela 7.....	13
Tabela 8.....	13
Tabela 9.....	14
Tabela 10.....	14
Tabela 11.....	15
Tabela 12.....	15
Tabela 13.....	19
Tabela 14.....	32
Tabela 15.....	34

## Introdução

A língua portuguesa é um dos poucos idiomas amplamente distribuídos no mundo e atualmente a quinta língua mais falada do mundo. Além de Portugal e do Brasil, o português também é usado em alguns países africanos e em determinados países asiáticos.

A partir de 2013, aproximadamente 230 milhões de pessoas em todo o mundo falam português (ver figura 1).



Tabela 1  
Mapa da CPLP  
(Comunidade dos  
Países de Língua  
Portuguesa)

Fonte:

<http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=372&evento=6>

Com o desenvolvimento económico e cultural, o intercâmbio entre a China e os países lusófonos tornou-se cada vez mais forte, por isso, há um grande número de estudantes chineses que se encontram a aprender português nas universidades portuguesas, nomeadamente na Universidade de Aveiro.

Para que os alunos que aprendem o português como língua estrangeira/língua segunda (e em especial para os falantes nativos de mandarim) desenvolvam e aprofundem as suas competências linguísticas em português (PE), é necessário aprofundarem os seus conhecimentos sobre tópicos gramaticais específicos, a fim de que melhorar não só a sua competência linguística, mas também a sua competência comunicativa em PE. Isso também se aplica ao tema do conjuntivo que constituiu uma área problemática no processo de aprendizagem de português europeu (PE), como língua estrangeira (PLE). Não é tarefa fácil entender o modo conjuntivo e aprender a utilizá-lo corretamente, quer na produção oral como na escrita. Na verdade, os alunos chineses não estão habituados a que o verbo seja uma categoria gramatical flexionada e muito menos que se distinga as categorias de modo e tempo.

Pretende-se, assim, apresentar no capítulo inicial uma sistematização de natureza morfológico-semântica sobre o modo conjuntivo em português europeu (PE).

Entendeu-se que seria importante fazer, em primeiro lugar, uma explicitação dos conceitos de modo e modalidade porque se entende que a seleção do modo depende do tipo de atitude do falante relativamente ao conteúdo dos seus enunciados. Iremos encontrar algumas variações nas definições sobre o modo conjuntivo, mas, sejam elas simples ou complexas, quase todas se baseiam no pressuposto de que os valores associados ao conjuntivo são, geralmente os de vontade, de ordem, de desejo, de súplica, entre outros correlacionados.

Tendo em conta que, normalmente, as gramáticas apresentam o uso do conjuntivo, por oposição ao indicativo, pareceu ser também importante apresentar uma síntese das abordagens que encontrei deste tópico gramatical em três gramáticas de referência: Celso e Cunha (2015); Mateus et al. (2003) e Raposo et al. (2013).

Por último, considerei também de grande utilidade proceder a uma exposição sintética da distribuição do conjuntivo em português (PE).

# Capítulo 1- O conjuntivo em português europeu (PE): perspetivas gramaticais

## 1.1 Sobre os termos “modo” e “modalidade”

As gramáticas portuguesas consideram o “modo” como uma categoria morfológica da flexão do verbo. No *Dicionário Terminológico*<sup>1</sup>, encontramos a seguinte definição de modo:

Categoria morfológica que permite distinguir a flexão verbal nas formas do indicativo, conjuntivo, imperativo e condicional. Não existe uma correlação perfeita entre o modo, enquanto etiqueta morfológica, e os valores de modalidade de um enunciado.

É certo que como forma verbal finita, o conjuntivo admite variação morfológica nas categorias tempo, pessoa e número. No entanto, em Mateus et al. (2003), a autora do capítulo 9, a linguísta Fernanda Oliveira, refere que “a modalidade é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes” (Mateus et al., 2003, p. 245). O modo pode ser entendido, assim, como um dispositivo linguístico que é utilizado para exprimir a modalidade, “entendida como a atitude que o enunciador ou (no caso da frase complexa) a entidade referida pelo sujeito da oração principal expressa relativamente ao estado de coisas descrito. (Raposo et al., 2013, vol I, p. 673).

Considerando-se que o português apresenta principalmente três modos finitos verbais (imperativo, conjuntivo e indicativo), já que o condicional/futuro perfeito e o futuro do indicativo apenas podem expressar valores modais (Celso e Cunha, 2015, p.478-479; Oliveira, 2003, p. 254; Raposo et al., 2012, p. 674), chega-se à conclusão de que os modos são categorias morfológicas cujos valores expressam vários tipos de modalidade. Se o conceito de modo é entendido como um item gramatical, já o conceito de modalidade apresenta uma abordagem mais complexa e não isenta de ambiguidade, inserindo-se em domínios específicos da linguística e da lógica (Oliveira, 2003, p. 255). Trata-se de uma questão complexa, porque, na verdade, uma língua pode apresentar diversas formas

---

<sup>1</sup> <http://dt.dge.mec.pt/> [consultado em 07.02.2020].

linguísticas de expressar o mesmo tipo da modalidade, mas um só recurso pode também servir para expressar diferentes modalidades. Este é o caso do conjuntivo que, na língua portuguesa, pode expressar vários valores modais, como se procura demonstrar mais adiante. Além disso, para compreendermos melhor o conceito de modo verbal temos de optar por perspectiva semântico-gramatical e também de o associar às outras categorias verbais como a de tempo ou mesmo do aspeto.

## **1.2 O conjuntivo em gramáticas de referência do português europeu (PE)**

Na investigação que realizei, dei conta de que existem diferenças no tratamento do conjuntivo em três gramáticas que podemos considerar de referência no domínio do português europeu (PE). Essas variações devem-se, sobretudo, aos avanços da reflexão linguística que têm marcados as últimas décadas.

Se bem que a edição utilizada gramática de Celso e Cunha (2015) seja recente, deve referir-se que se trata de 22.<sup>a</sup> ed. de uma obra que foi publicada pela primeira vez no ano de 1984. Trata-se, além disso, de uma gramática normativa que tem por objetivo “uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá”, mas sem descuidar os “factos da linguagem coloquial” Cunha e Cintra, 2015, p. XIV).

Já a gramática de Mateus et al.(2003), publicada numa versão mais reduzida em 1983 e depois numa edição revista em 1989, que utilizei na edição de 2003, assume-se como gramática de tipo descritivo que reflete o alargamento, o aprofundamento e a reformulação da versão inicial, apresentando, por isso, análises baseados em quadro teóricos mais atualizados “que sustentam investigações recentes sobre as línguas particulares e sobre a língua portuguesa” (Mateus et al., 2003, p.16).

Com a pretensão de ser mais “inovadora”, a *Gramática do Português*, uma obra coletiva publicada em dois volumes pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 2013, procura descrever “de modo tão exaustivo quanto possível, a língua portuguesa na sua variedade europeia contemporânea” (Raposo et al., 2013, Vol I, p. XXV).

Foi com base numa consulta tão criteriosa quanto possível destes três compêndios gramaticais que procurei compreender de uma forma mais aprofundada os aspetos morfológicos, sintáticos e semânticos que caracterizam modo conjuntivo em PE.

No que diz respeito à caracterização morfológica do conjuntivo, considerado sempre como um dos três modos fundamentais do português, tomei por base na gramática de Celso e Cunha (2015), já que é a única gramática que apresenta os paradigmas de flexão desta categoria morfológica. No entanto, na qualidade de aprendente chinesa de PLE, considerei que, pontualmente, seria útil utilizar uma outra gramática mais pedagógica e vocacionada para alunos chineses, a de Suoying & Yanbin (1999).

### 1.3 Caracterização morfológica do conjuntivo em português (PE)

Esta parte incide, essencialmente, sobre os paradigmas de flexão do modo conjuntivo. Associado ao modo, na flexão verbal, surge a categoria tempo que, segundo Cunha e Cintra, 2015, p. 473) “é a variação que indica o momento em que se dá o facto expresso no verbo”. Consideram-se “tempos naturais” o presente o pretérito (ou passado) e o futuro.

Em português, o conjuntivo apresenta seis formas: presente, pretérito imperfeito, futuro imperfeito (tempos simples); pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro perfeito (tempos compostos).

Na perífrase verbal, ao contrário dos tempos simples, os tempos compostos empregam o verbo auxiliar “ter” ou “haver” mais o particípio do verbo principal. Por esta razão, no processo de tradução para o chinês, a distinção entre as duas grandes formas reflete-se no caractere chinês “未”, que em português significa “ainda não”. O verbo auxiliar enfatiza sempre a conclusão de uma ação. Quando usada em oração subordinada, a ação que ele representa deve preceder a ação da oração principal.

Por outro lado, na consulta que realizei do *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, e tendo em conta os exemplos apresentados, percebi que “o facto de as formas compostas explicitarem um ponto de perspectiva temporal posterior à realização da ação expressa pelo verbo (não realização, no segundo par de exemplos) parece reforçar a possibilidade/probabilidade da sua concretização (impossibilidade/improbabilidade, no segundo par de exemplos). Ao mesmo tempo, a própria presença da forma participial do verbo vem ajudar esse reforço”<sup>2</sup>. Para os aprendentes chineses de língua portuguesa, este

---

<sup>2</sup> <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/conjuntivo-tempos-simples-vs-tempos-compostos/32807> [consultado em 20.05.2020].

aspecto é importante para a sua compreensão das duas formas, o que também prova a diferença entre o tempo simples e o tempo composto.

A seguir, vou analisar a caracterização morfológica do conjuntivo em português comparando os tempos simples e compostos, à vez. Deve salientar-se que, como refere Raposo et al., 2012, p. 673, “na língua portuguesa, os valores de modo são expressos conjuntamente com os de tempo”, ou seja, não existem os constituintes morfológicos específicos de modo porque se encontram amalgamados aos de tempo.

### 1.3.1 Tempos simples do conjuntivo: presente, pretérito imperfeito, futuro.

Em primeiro lugar, devo dizer que, em termos gramaticais, a conjugação verbal é um tema muito difícil para os estudantes chineses. É certo que existem algumas regras especiais que facilitam a aprendizagem, mas todas elas se baseiam na conjugação do verbo do modo indicativo.

#### 1.3.1.1 Presente do conjuntivo

Na formação de presente do conjuntivo deve notar-se que se adiciona o sufixo que representa esse modo ao radical dos verbos regulares, ou seja: removem-se os sufixos *-ar*, *-er* ou *-ir* do verbo no infinitivo e acrescentam-se os morfemas que aparecem em itálico na tabela a seguir:

Escolha como exemplo os seguintes verbos (Tabela 2): **falar**, **comer** e **partir**

verbo pessoa	<b>-ar</b> <b>falar</b>	<b>-er</b> <b>comer</b>	<b>-ir</b> <b>partir</b>
eu	<i>-e</i> <i>fale</i>	<i>-a</i> <i>coma</i>	<i>-a</i> <i>parta</i>
tu	<i>-es</i> <i>fales</i>	<i>-as</i> <i>comas</i>	<i>-as</i> <i>partas</i>
Você,ele,ela	<i>-e</i> <i>fale</i>	<i>-a</i> <i>coma</i>	<i>-a</i> <i>parta</i>
nós	<i>-emos</i> <i>falemos</i>	<i>-amos</i> <i>comamos</i>	<i>-amos</i> <i>partamos</i>

Vocês, eles, elas	<i>-em</i> <i>falem</i>	<i>-am</i> <i>comam</i>	<i>-am</i> <i>partam</i>
-------------------	----------------------------	----------------------------	-----------------------------

Existem, no entanto, algumas conjugações verbais irregulares que se baseiam na mudança de primeira pessoa singular do tempo presente do indicativo: a parte final do verbo é alterado no tempo de presente do conjuntivo, com o acrescento dos sufixos flexionais *-a, as, -a, -amos, -ais, -am*, depois do radical

A conjugação de alguns verbos irregulares é baseada na mudança de primeira pessoa singular do tempo presente do indicativo, e o final do verbo é alterado para o tempo do conjuntivo. Por exemplo (Tabela 3):

Verbo Irregular→	<b>dizer</b>	<b>dormir</b>	<b>poder</b>	<b>ter</b>
1. <sup>a</sup> pessoa do singular do Presente do indicativo→	digo	durmo	posso	tenho
Presente do conjuntivo				
eu	<i>diga</i>	<i>durma</i>	<i>possa</i>	<i>tenha</i>
tu	<i>digas</i>	<i>durmas</i>	<i>possas</i>	<i>tenhas</i>
Você, ele, ela	<i>diga</i>	<i>durma</i>	<i>possa</i>	<i>tenha</i>
nós	<i>digamos</i>	<i>durmamos</i>	<i>possamos</i>	<i>tenhamos</i>
vós	<i>digais</i>	<i>durmais</i>	<i>possais</i>	<i>tenhais</i>
Vocês, eles, elas	<i>digam</i>	<i>durmam</i>	<i>possam</i>	<i>tenham</i>

Os verbos terminando em *-car, -gar*, transformam-se em *c* em *qu, g* e em *gu*; os verbos terminando em *-çar*, transformam o *ç* em *c*, por exemplo (Tabela 4):

verbo	<b>ficar</b>	<b>chegar</b>	<b>começar</b>
Pessoa			
eu	<i>fique</i>	<i>chegue</i>	<i>comece</i>

tu	<i>fiques</i>	<i>chegues</i>	<i>comeces</i>
você, ele, ela	<i>fique</i>	<i>chegue</i>	<i>comece</i>
nós	<i>fiquemos</i>	<i>cheguemos</i>	<i>começemos</i>
Vocês, eles, elas	<i>fiquem</i>	<i>cheguem</i>	<i>comecem</i>

Há verbos erbos cuja conjugação muda de forma completamente irregular (Tabela 5).

verbo pessoa	<b>dar</b>	<b>estar</b>	<b>querer</b>	<b>ir</b>	<b>saber</b>
eu	<i>dê</i>	<i>esteja</i>	<i>queira</i>	<i>vá</i>	<i>saiba</i>
tu	<i>dês</i>	<i>estejas</i>	<i>queira</i>	<i>vás</i>	<i>saibas</i>
Você,ele, ela	<i>dê</i>	<i>esteja</i>	<i>queira</i>	<i>vá</i>	<i>saiba</i>
nós	<i>dêmos</i>	<i>estejamos</i>	<i>queiramos</i>	<i>vámos</i>	<i>saibamos</i>
Vocês, eles, elas	<i>deem</i>	<i>estejam</i>	<i>queiram</i>	<i>vão</i>	<i>saibam</i>

### 1.3.1.2 Pretérito imperfeito do conjuntivo

De um modo prático, pode dizer-se que para se formar o pretérito perfeito simples do conjuntivo se removem os sufixos da terceira pessoa plural de pretérito perfeito simples do indicativo ( *-aram*, *-eram*, *-oram* e *-iram*) e se adicionam e os elementos sufixais do pretérito imperfeito do conjuntivo, como se pode ver no quadro seguinte (Tabela 6):

Verbos originais→	falar	comer	partir
3. <sup>a</sup> pessoa plural no pretérito perfeito do indicativo→	falaram	comeram	partiram
Pretérito imperfeito do conjuntivo			

eu	-asse falasse	-esse comesse	-isse partesse
tu	-asses falasses	-esses comesse	-isses partesses
Você ele ela	-asse falasse	-esse comesse	-isse partesse
nós	-ássemos falássemos	-êssemos comêssemos	-íssemos partíssemos
vocês eles elas	-assem falassem	-essem comessem	-issem partessem

Esta regra de conjugação aplica-se a todas as conjugações regulares e irregulares. De acordo com essa regra, algumas conjugações verbais irregulares comumente usadas são as seguintes (Tabela 7):

verbo pessoa	<b>dar</b>	<b>estar</b>	<b>querer</b>	<b>ir</b>	<b>saber</b>
eu	<i>desse</i>	<i>estivesse</i>	<i>quisesse</i>	<i>fosse</i>	<i>soube</i>
tu	<i>desses</i>	<i>estivesse</i>	<i>quisesse</i>	<i>fosses</i>	<i>soubes</i>
Você,ele,ela	<i>desse</i>	<i>estivesse</i>	<i>quisesse</i>	<i>fosse</i>	<i>soube</i>
nós	<i>déssemos</i>	<i>estivéssemos</i>	<i>quiséssemos</i>	<i>fôssemos</i>	<i>soubéssemos</i>
Vocês, eles, elas	<i>dessem</i>	<i>estivessem</i>	<i>quisessem</i>	<i>fossem</i>	<i>soubessem</i>

### 1.3.1.3 Futuro imperfeito do conjuntivo

Pode dizer-se, em termos práticos, que para formar o futuro imperfeito do conjuntivo se remove a terminação-*ram* de pretérito perfeito simples do indicativo da terceira pessoa plural e se adicionam os morfemas- *r*, *-res*, *-*, *-rmos*, *-rdes* e *-rem* (Tabela 8):

Verbos	<b>falar</b>	<b>comer</b>	<b>partir</b>
3. <sup>a</sup> pessoa plural no pretérito perfeito do indicativo→	falaram	comeram	partiram
eu	<i>falar</i>	<i>comer</i>	<i>partir</i>

tu	<i>falares</i>	<i>comeres</i>	<i>partires</i>
Você ele ela	<i>falar</i>	<i>comer</i>	<i>partir</i>
nós	<i>falarmos</i>	<i>comermos</i>	<i>partirmos</i>
vocês eles elas	<i>falarem</i>	<i>comerem</i>	<i>partirem</i>

Esta regra de conjugação aplica-se a todas as verbos regulares e irregulares. De acordo com essa regra, algumas conjugações verbais irregulares comumente usadas são as seguintes (Tabela 9):

verbo pessoa	<b>dar</b>	<b>estar</b>	<b>querer</b>	<b>ir</b>	<b>saber</b>
eu	<i>der</i>	<i>estiver</i>	<i>quiser</i>	<i>for</i>	<i>souber</i>
tu	<i>deres</i>	<i>estiveres</i>	<i>quiseres</i>	<i>forese</i>	<i>souberes</i>
Você,ele,ela	<i>der</i>	<i>estiver</i>	<i>quiser</i>	<i>for</i>	<i>souber</i>
nós	<i>dermos</i>	<i>estivermos</i>	<i>quisermos</i>	<i>formos</i>	<i>soubermos</i>
Vocês,eles, elas	<i>derem</i>	<i>estiverem</i>	<i>quiserem</i>	<i>forem</i>	<i>souberem</i>

### 1.3.2 Tempos compostos do conjuntivo: pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito composto e futuro composto.

#### 1.3.2.1 Pretérito perfeito composto

O pretérito perfeito do conjuntivo é um tempo composto, que se conjuga com o presente do conjuntivo dos verbos auxiliares *ter* ou *haver* seguido do particípio do verbo principal no particípio passado (Tabela 10):

tenha	ou	haja	<i>estudado (falado, comido, partido)</i>
tenhas		hajas	
tenha		haja	

tenhamos		hajamos	
tenham		hajam	

### 1.3.2.2 Pretérito mais-que-perfeito composto

O pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo é um tempo composto, que se conjuga com os verbos auxiliares *ter* ou *existir* no tempo pretérito perfeito do conjuntivo mais o particípio passado do verbo principal (Tabela 11):

tivesse	ou	houvesse	<i>estudado (falado, comido, partido)</i>
tivesses		houvesses	
tivesse		houvesse	
tivéssemos		houvéssemos	
tivessem		houvessem	

### 1.3.2.3 Futuro composto

O futuro perfeito do conjuntivo é um tempo composto, que usa os verbos auxiliares *ter* ou *haver* no futuro perfeito do conjuntivo mais o particípio passado do verbo principal (Tabela 12):

tiver	ou	houver	<i>estudado (falado, comido, partido)</i>
tiveres		houveres	
tiver		houver	
tivermos		houver	
tiverem		houverem	

Embora a formação verbal em PE seja uma das partes mais complexas da língua para os aprendentes chineses, o modo conjuntivo apresenta grande complexidade. É muito mais fácil memorizá-los com a prática e a utilização regular dos padrões morfológicos. Por exemplo, no tempo simples, a conjugação do modo conjuntivo está relacionada com o

modo indicativo, enquanto que o tempo composto usa o tempo correspondente de *ter* ou *haver* mais o particípio passado do verbo.

## **Capítulo II – Distribuição do conjuntivo em português europeu**

Em português, o conjuntivo ocorre nos quatro principais grupos de orações que a gramática tradicional identifica como: orações independentes e principais, orações subordinadas completivas, orações subordinadas relativas de nome e orações subordinadas adverbiais. (Marques, 1995, p5). Vejamos, separadamente, cada caso.

### **a. Orações independentes e principais.**

(1). O modo imperativo pode expressar uma possibilidade, proibição ou desejo etc. Os imperativos dividem-se em imperativos afirmativos e negativos, aparecendo o modo conjuntivo utilizado em todas as pessoas do imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo.

*Entremos!* (1.<sup>a</sup> pessoa do plural)

*Não avises os teus colegas.* (2.<sup>a</sup> pessoa do singular)

(2). Se o advérbio *talvez* marca numa frase que indica uma dúvida, seleciona o verbo no conjuntivo.

*Paula talvez lhe **telefonasse** à noite.*

*Talvez ele **parta** amanhã.*

(3). O conjuntivo também se emprega, em frases simples ou complexas, quando se expressam desejos, conselhos, ordens, hipóteses ou uma concessão.

*Deus te **proteja!***

*Que todos **saibam** o que vou dizer.*

### **b. Orações subordinadas completivas.**

Uma oração subordinada completiva é uma frase subordinada equivalente a um complemento substantivo ou adjetival. Na oração subordinada completiva, o verbo expressa basicamente uma emoção humana subjetiva, algum conselho, uma recomendação, etc. Por conseguinte, os seguintes verbos são frequentemente encontrados em frases que selecionam conjuntivo:

*aconselhar, admirar, agradecer, duvidar, espantar, esperar, evitar, exigir, gostar, impedir, implicar, lamentar, mandar, negar, ordenar, originar, pedir, permitir, preferir, pretender, procurar, proibir, querer, recear, recomendar, requerer, solicitar, sugerir, suplicar, surpreender, temer, tentar.*

*Ele **ordena** que eu aceite.*

*Ele **aconselhava** que eu aceitasse.*

### **c. Orações relativas.**

Existem dois tipos de orações relativas: as orações relativas restritivas e as orações relativas restritivas.

(1). O significado expresso pelas orações relativas explicativas, geralmente separadas por vírgulas, é claro e inequívoco, e toda a frase está completa na forma.

*Todos os atletas, que chegaram ao fim da prova, serão homenageados.*

(2). As orações relativas restritivas, por outro lado, são diferentes porque, normalmente, servem para introduzir uma limitação qualquer ao antecedente e não se separam por vírgulas da oração principal.

*O Paulo procura um livro que trate desse assunto.*

### **d. Orações subordinadas adverbiais.**

Existem muitos tipos das orações adverbiais e estes tipos de orações subordinadas são distinguidos por vários conectores utilizados nas frases. Vejam-se os exemplos seguintes.

#### **(1). Finais**

A oração subordinada final exprime a finalidade do que é expresso na oração subordinante. Nestas orações o modo verbal utilizado é o conjuntivo desde que a locução conjuncional contenha o elemento *que*.

*Faço tudo para que ele **aprenda** português.*

*A professora trabalha muito a fim de que os seus alunos **falem** bem português.*

*Já comprei os bilhetes para que não percas o espetáculo.*

## (2). Causais

A oração subordinada exprime a causa do que é expresso na subordinante. Com conectores como *que*, *porque* também se utiliza o conjuntivo.

*Não que eu não **quisesse** amar, mas **mar menos**, **sem tanto sofrimento**.*

*Foi a **única coisa grandiosa da minha vida**, Não porque me **sentisse** apaixonado, **ela também não se apaixonara por mim**.*

## (3). Concessivas

A oração subordinada concessiva introduz a ideia de oposição em relação ao que é referido na subordinante. O modo verbal utilizado na concessiva é o conjuntivo.

*Embora você não **queira**, **tem que ir**.*

*Ainda que esteja a **chover**, **sairei**.*

*Embora esteja sol, **não está calor nenhum**.*

## (4). Temporais

A oração subordinada temporal pode exprimir, em relação à subordinante, noções de simultaneidade, sucessividade, repetição, posteridade, anterioridade.

*Vamos acabar o trabalho antes que ela **volte**.*

*Irei depois que a mãe **volte**.*

*Quando o tempo aquece, vou à praia.*

## (5). Comparativas

A subordinada comparativa exprime o grau em relação a um elemento da oração subordinante. O verbo da oração comparativa também pode aparecer no conjuntivo, dependendo do conector utilizado.

*Ele procedeu como se fosse dono daqui.*

## (6). Consecutivas

Fale devagar de forma que todos o **compreendam**.

Ele pretendia falar devagar de forma que todos o **compreendessem**.

### (7). Condicionais

A oração expressa pela oração condicional pode ser real, hipotética ou irreal.

*O meu prazer seria imenso caso eu **pudesse** ir.*

*A não ser que parta agora, perderá o comboio.*

*Se tiveres medo, compra um cão.*

## 2.1 O modo Indicativo e Conjuntivo

“Consideramos que em português, há fundamentalmente os modos Imperativo, Conjuntivo e Indicativo, embora o Futuro e o condicional, quer simples quer compostos possam também ocorrer como modos”. (Mateus et al., 2003, p.254).

O modo Indicativo e o modo Conjuntivo são dois modos importantes e fundamentais em PE. Estes dois modos são ambos relacionados e distintos.

O modo Indicativo, quer se refira a algo que aconteceu, está a acontecer ou vai acontecer, implica sempre certeza e verdade, é um reflexo objetivo de algo que existe, mesmo que expresse uma perceção subjetiva do objetivo, mas também uma atitude afirmativa em relação ao objetivo.

E o modo conjuntivo representa uma atitude subjetiva em relação a coisas objetivas, tais como incerteza, dúvida, negação, etc. Algo que ainda não aconteceu, mas que pode acontecer, ou algo completamente fictício é também utilizado no modo conjuntivo.

A distinção entre os modos indicativos e conjuntivo é complicada porque ainda não existe uma regra muito definida para distinguir, porque em alguns casos ambos os modos podem ser utilizados. Não existe um modo fixo na própria língua e há muitas vezes em que o contexto e o significado que se pretende expressar é maior do que as regras do modo fixo.

Comparem-se estas frases:

Tempo	Modo indicativo	Modo conjuntivo
-------	-----------------	-----------------

<b>Presente</b>	Afirmo que ela <b>estuda</b>	Duvido que ela <b>estude</b>
<b>Imperfeito</b>	Afirmo que ela <b>estudava</b>	Duvido que ela <b>estudasse</b>
<b>Perfeito</b>	Afirmo que ela <b>estudou (ou tem estudado)</b>	Duvido que ela <b>tenha estudado</b>
<b>Mais-que-perfeito</b>	Afirmo que ela <b>tinha estudado (ou estudara)</b>	Duvido que ela <b>tivesse estudado</b>

Tabela 13- A diferença entre conjuntivo e indicativo (de acordo com Cunha & Cintra 2015 p. 583)

a. Os verbos utilizados nas orações subordinadas substantivas são diferentes, podendo ser uma distinção deles.

(1). Porque o Indicativo expressa este tipo de facto objetivo ou certeza sobre algo, os seguintes verbos são utilizados como afirmar, compreender, comprovar, crer, dizer, pensar, ver, verificar etc.

*Creio que **trabalhas** muito bem como dizes.*

*Acho que **trabalhas** muito bem.*

***Fomos** quatro vezes ao cinema na semana passada.*

(2). No modo Conjuntivo, por outro lado, são frequentemente utilizados os seguintes verbos como desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar.

*Espero que vocês **vivam** felizes.*

*Lamentamos que vocês não **possam** vir.*

*Se vocês **quiseram**, podem dormir em minha casa.*

b. Em alternativa, o mesmo verbo é utilizado para transmitir diferentes significados nos modos Indicativo e Conjuntivo. O verbo é usado no modo conjuntivo para descrever o

juízo e o pensamento expressados, que é apenas um palpite, e não há certeza; se usa no modo indicativo, mostra que o juízo e a ideia são basicamente fatos, por exemplo:

*Creio que ele **venha**.*

*Creio que ele **vem**.*

Na primeira frase *ele pode ou não vir* a indicar uma possibilidade, e na segunda frase considera-se que chegará a uma ação que será essencialmente concluída, por outras palavras, *ele* é muito provável ou tem a certeza de *vir*.

c. Quando o verbo indica bom, mal, possível, necessário etc., alguns de nossos juízos e pensamentos subjetivos, o verbo da oração subordinada usa o modo conjuntivo:

***É bom** que estudes português.*

***Será bom** que estudes português.*

***Foi conveniente** que chegasses cedo.*

***Era necessário** que tomasse o remédio.*

***Seria melhor** que ficássemos.*

Mas se a oração principal não é um juízo, mas um fato, o verbo da oração subordinada usa o modo indicativo:

***É sabido** que ele é bom.*

***É verdade** que ele irá à noite.*

Ambas as sentenças representam um facto, e não um palpite ou juízo, portanto, usa-se o modo indicativo.

d. O modo conjuntivo é usado para indicar um conceito incerto; se for certo, use modo indicativo:

*Preciso de uma pessoa que **fale** português.*

*Preciso daquela pessoa que **fala** português.*

Na primeira frase, *uma pessoa* é um conceito genérico que indica que não se sabe ou não se tem a certeza de quem é a pessoa, pelo que a utilização de o modo Conjuntivo. E na segunda frase, em *daquela pessoa*, o pronome indicativo aponta claramente para uma pessoa, indicando que a pessoa é definitiva e conhecida, por isso usa o modo Indicativo.

## 2.2. Tempos do conjuntivo

Esta parte introduz principalmente o tempo verbal do conjuntivo e as regras de conjugação do verbo em cada tempo. De acordo com o NGPC, os tipos do conjuntivo são principalmente divididos em seis tempos: o presente, o imperfeito, o pretérito imperfeito, o futuro do conjuntivo, o pretérito perfeito, o pretérito mais-que-perfeito e o futuro do conjuntivo composto. Esta parte é sobre a formação e emprego dos tempos do conjuntivo.

### 2.2.1 Presente do conjuntivo

Emprego:

(1). O presente do conjuntivo indica um ato relacionado com o presente, ou seja, em várias frases compostas, quando o verbo principal está no presente do indicativo, o verbo subordinado está no presente do conjuntivo, por exemplo:

*Não quer dizer que **se conheçam** os homens quando se duvida deles.*

*Lamentamos que vocês não **possam** vir.*

*É bom que eles nos **digam** verdade.*

*Não acho que o português **seja** difícil.*

*Embora **seja** rico, ele não se sente feliz.*

(2). O tempo presente do conjuntivo também pode representar um comportamento relacionado ao futuro. Quando a oração subordinada utiliza o presente do conjuntivo, a oração principal pode utilizar o futuro do presente do indicativo. Alternativamente, a oração subordinada utiliza o presente do conjuntivo para indicar o futuro quando algumas locuções ou advérbios são seguidos por uma suposição, intenção ou ação futura relacionada com o futuro. (Suoying & Yanbin, 1999. p 312)

*Caso **chegue** tarde, faça você a comida e depois vá passear o cão.*

*Sempre que **esteja** bom tempo, vamos passar o fim-de-semana no campo.*

*Lamento muito que amanhã não **possa** ir compras contigo.*

*Faz o trabalho antes que ele **chegue**.*

*A reunião irá ser realizada mesmo que chova amanhã.*

(3). Quando o verbo é seguido por talvez para indicar um ato relacionado com o futuro, é utilizado o presente do conjuntivo:

*Talvez ele **venha** connosco.*

*Talvez **vá** ao supermercado hoje à tarde, depois aviso-te.*

*Talvez ele **parta** amanhã.*

(4). O tempo presente do conjuntivo indica comportamentos relacionados ao presente e também pode representar um comportamento relacionado ao futuro:

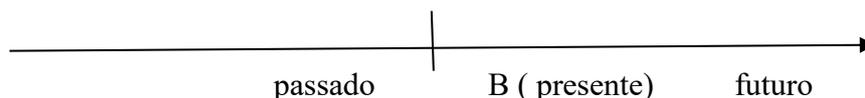
*Divido que ele **faça** isso.*

*Pena é que os meninos **estejam** tão mal providos de roupa.*

*Caso chova, **fique** em casa.*

*Irei contando que ele **vá**.*

Se marcarmos o momento em que o modo conjuntivo pode ser expresso, ela pode, sem dúvida, ser dividida em passado, presente e futuro, como mostra:



O tempo presente do conjuntivo pode representar o comportamento no ponto B e mais além. Nos primeiros dois exemplos, o presente do conjuntivo denota um comportamento relacionado com o presente. Nos últimos dois exemplos indicam uma ação relacionada com o futuro, mas esta ação futura é uma condição ou presunção relacionada com o futuro, o que também indica que esta ação ainda não ocorreu, ou que há poucas hipóteses de que ocorra.

## 2.2.2 Pretérito imperfeito do conjuntivo

Emprego:

(1). Pretérito imperfeito do conjuntivo indica comportamentos relacionados ao passado, ou seja, quando o verbo principal está no pretérito imperfeito ou pretérito perfeito do indicativo ou, o verbo subordinado pode ser usado no pretérito imperfeito do conjuntivo.

*A filha pediu que a mãe **comprasse** a saia.*

*O pai não permitiu que o menino **estivesse** com o estranho.*

*Sugeriram que **comprasse** de saia em vez de calça.*

*Queria que **viesses** com o seu namorado.*

(2). O imperfeito do conjuntivo no verbo subordinado combina-se também com um verbo principal no condicional, no pretérito mais-que-perfeito composto ou no condicional composto (Oliveira, F., 2013, p. 537):

*Gostaria que o meu irmão **encontrasse** um bom trabalho.*

*A mãe tinha pedido que os filhos **fizessem** o trabalho de casa.*

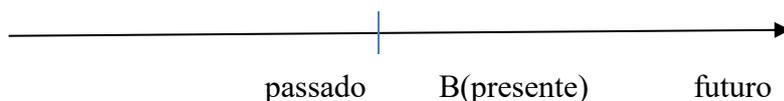
*O supermercado teria permitido que o cliente **entrasse** com o cão.*

(3). Depois de *se*, pretérito imperfeito do conjuntivo expressa um sentimento de esperança, desejo ou lamento difícil de alcançar:

*Se a gente não **envelhecesse**.*

*Se **fizesse** bom tempo, iria para cinema.*

(4) Pretérito imperfeito do conjuntivo indica comportamentos relacionados ao passado. Quando o verbo sujeito está no pretérito ou no tempo condicional, o verbo da oração subordinada pode usar o tempo pretérito imperfeito. Ou seja, o tempo do verbo da oração subordinada é coerente com o tempo do verbo da oração principal. O diagrama seguinte mostra que a ação representada pelo tempo pretérito imperfeito, tanto a oração principal como o subjuntivo, ocorrem antes do ponto B.



*Foi bom que ele **aprendesse** português.*

*Não permiti que ele **saiße**.*

*Todos os domingos, **chovesse** ou **fizesse** sol, estava eu lá.*

### 2.2.3 Pretérito perfeito do conjuntivo

Emprego:

O verbo usa esse tempo para enfatizar a conclusão da ação. Quando usada em oração subordinada, a ação que ele representa deve preceder a ação do indicativo (tempo presente ou tempo futuro) na oração principal:

Segundo Cunha & Cintra (1984, p. 472)

(1) Passado (supostamente concluído):

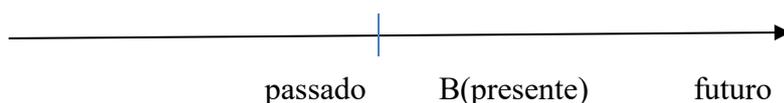
*É possível que o autocarro do meu irmão já **tenha partido**.*

*Caso **tenhas visto** o meu cão, debes falar comigo.*

(2) Futuro (terminado em relação a outro facto futuro):

*O pai vai pedir que os filhos **tenham feito** o trabalho de casa até à noite.*

*O pai estará encantado de que o filho **tenha feito** o que ele mandou.*



*Talvez ele **tenha escrito** a carta.*

*É muito bom que **tenhas escrito** a carta.*

No primeiro exemplo acima, o verbo composto *tenhas escrito* indica o completo desta letra. E o verbo *É (muito bom)* está presente, indicando uma emoção e um significado presentes, pelo que a ação do composto deve preceder o tempo presente. Do mesmo modo, no segundo exemplo, *o filho* deve ter feito o que o pai lhe *mandou* para fazer primeiro, ou é muito provável que isto se cumpra antes de o pai *estar encantado*. Nesta frase, a oração principal utiliza o tempo futuro, pelo que a ação da oração subordinada deve ser completada antes do futuro. Usando o diagrama acima, podemos ver que quando o verbo principal está no tempo de ponto B e mais tarde, o verbo do tempo composto indica a ação antes do tempo indicado pelo ponto B.

#### 2.2.4 Pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo

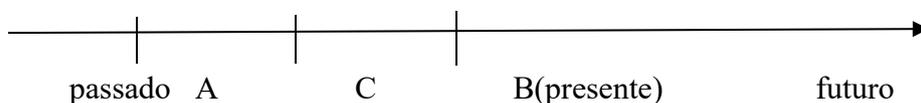
Emprego:

O verbo usa esse tempo para enfatizar a conclusão da ação. Quando usada em uma oração subordinada, a ação que ele representa deve preceder a ação do indicativo (pretérito perfeito) na oração principal:

*Talvez ele **tivesse escrito** a carta.*

*Foi muito bom que **tivesses escrito** a carta.*

*O pai estava encantado de que o filho **tivesse feito** o que ele mandou.*



No tempo pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo, todas as ações têm lugar no passado, ou seja, antes do ponto B. Mas a relação entre o verbo da frase principal e o verbo da oração subordinada é a seguinte: se o verbo sujeito ocorre no ponto C, então o verbo seguidor deve ocorrer antes do ponto C, tal como A.

*Talvez ele **tivesse escrito** a carta.*

*Foi muito bom que **tivesses escrito** a carta.*

*O pai estava encantado de que o filho **tivesse feito** o que ele mandou.*

Por exemplo, no segundo exemplo acima, o verbo *Foi* é um verbo que designa o passado e, dependendo da situação semântica, *tivesses escritas* devem ocorrer antes do verbo *Foi* para que constitua uma lógica completa. Isto também é coerente com as regras acima referidas.

### 2.2.5. Futuro imperfeito do conjuntivo

Emprego:

Este tempo indica uma ação que pode ocorrer no futuro. Em algumas frases compostas, quando o verbo principal indica uma ação futura no futuro do presente do Indicativo ou Imperativo, a oração subordinada é completada no futuro imperfeito do conjuntivo, como se segue.

(1) No subjuntivo temporal, quando, enquanto, sempre que, sempre que, etc. são utilizados para indicar ações futuras:

*Seremos úteis ao país quando **formos** grandes.*

*Enquanto o senhor precisar de mim aqui, **estarei** aqui.*

*Sempre que wu **disser** sim digam não.*

(2) Usado em orações condicionais com *se*

*Irei se você **quiser**.*

*Irei expecto se não **puder**.*

*Irei salvo se você não **quiser**.*

(3) Numa cláusula que consiste num pronome relacional ou num advérbio relacional.

*Ele acreditará no que eu **disser**.*

*Irei aonde você **mandar**.*

(4) Numa cláusula proporcional

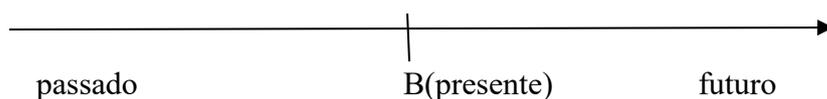
*Quanto mais **disser**, mais errará.*

*Quanto menos **comer**, menos engordará.*

(5) Na cláusula comparativa

*Farei tal qual **mandarem**.*

(6) Vale a pena notar, contudo, que nem todo o comportamento futuro está no tempo futuro imperfeito, uma vez que o tempo presente também pode representar o futuro noutras condições. O gráfico mostra que a ação deste tempo ocorre após o ponto B, mas não inclui ponto B.



*Seremos úteis ao país quando **formos** grandes.*

*Enquanto o senhor **precisar** de mim aqui, estarei aqui.*

*Ele acreditará no que eu **disser**.*

*Se fores ao cinema, telefona-me.*

Em primeiro, a frase indica um ato no futuro, que é também uma possibilidade, com todos os verbos consistentes no estado futuro. O último exemplo, por outro lado, é uma pena condicional, embora também indique uma ação que pode ocorrer no futuro, mas esta ação é determinada pela relação entre o sujeito e a subordinada, *se fores* é a premissa e *telefona-me* é determinada por *se fores*. Isto também ilustra a incerteza da probabilidade de a ação ocorrer neste tempo.

## 2.2.6 Futuro perfeito do conjuntivo

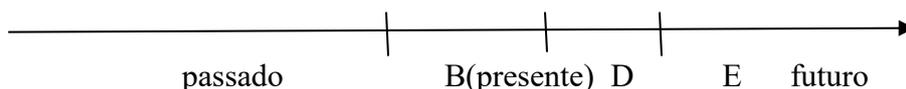
Emprego:

Representa um comportamento futuro possível ou hipotético, enfatizando a conclusão desta ação. Como mostra a figura, as ações indicadas por este tempo estão também no tempo futuro, mas a ação indicada por este tempo ocorre antes da ação da frase principal. (tempo presente do indicativo ou imperativo futuro):

*Papá, deixa-me ir ao cinema quando eu **tiver estudado** a nova lição.*

*Quando **tiverdes acabado**, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas.*

Isto pode ser expresso da seguinte forma: se o tempo após o ponto B for futuro, quando a ação no ponto E for o verbo principal da cláusula, o verbo dependente deve ocorrer antes do ponto E, por exemplo, D.



*Papá, deixa-me ir ao cinema quando eu **tiver estudado** a nova lição.*

*Quando **tiveres acabado**, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas.*

Ambos os exemplos indicam o futuro e, de um ponto de vista semântico, a ação indicada pelo tempo futuro perfeito na oração subordinada ocorre antes da ação da frase principal, por exemplo, *tiver estudo* ocorre antes de *deixa-me* e *teres acabado* antes de *sereis desalojados*. Formalmente devido a esta relação fixa, no tempo composto, se a lógica e semântica estiverem corretas, é mais provável do que no tempo simples indicar a ocorrência de um comportamento futuro.

## 2.2.7 Condicional

O modo condicional também se apresenta sob duas formas, simples e composta, chamadas de condicional simples e condicional composta. Este tempo é capaz de representar o comportamento futuro a partir do tempo passado, pelo que este tempo é também chamado de futuro do pretérito, e as suas formas simples e compostas são chamadas de futuro do pretérito simples e futuro do pretérito composto, respetivamente (Celso e Cunha, 1995, p. 579).

*Ele disse que **faria** o trabalho.*

*Ele disse que **teria terminado** quilo antes do meio-dia.*

Para além das características do condicional, quando o condicional é utilizado numa frase, pode indicar incerteza, possibilidade ou uma realização improvável. Devido à natureza do condicional, o condicional é frequentemente utilizado em conjunto com diferentes tempos do conjuntivo para formar orações subordinadas condicionais.

#### (1) Pretérito imperfeito do conjuntivo

Quando o tempo pretérito imperfeito do conjuntivo é utilizado após a *se* e o verbo da frase principal utiliza o modo condicional para indicar que uma condição ou hipótese é frequentemente irrealista ou impossível de alcançar e não é limitada no tempo.

*Se fizesse bom tempo ontem, eu **teria saído** para passear.*

#### (2). Pretérito perfeito mais-que-perfeito do conjuntivo

Quando o tempo pretérito imperfeito do conjuntivo é utilizado após a *se* e o verbo da frase principal utiliza o modo condicional para indicar condições ou suposições irrealistas ou não cumpridas. No conceito de tempo, ele pode se referir apenas ao passado, ou seja, o comportamento assumido se tornou um fato consumado que não pode ser alcançado.

*Se eu tivesse morrido, não **estaria** aqui.*

*Se eu tivesse morrido, não **teria feito** aquilo.*

Os diferentes tempos do modo conjuntivo podem representar uma possível ação no passado, presente e futuro ou uma especulação sobre algo objetivo, respetivamente.

E os tempos simples e compostos resumem basicamente as características de representação dos diferentes tempos do conjuntivo. Com base nos exemplos e análises anteriores, o tempo de ação indicado pelo tempo composto é determinado em função do tempo expresso na frase, que ocorre sempre antes de se pretender que seja expresso na frase, ao passo que o tempo simples é mais flexível. É também devido a esta característica que os factos expressos nos tempos compostos são mais impossíveis de ocorrer do que no tempo simples.

## 2.3. O uso do conjuntivo em PE

De acordo com o NGPC, “como o próprio nome indica, o conjuntivo (do latim *conjunctivas*) denota que uma ação, ainda não realidade, é concebida como ligada a outra, expressa ou subentendida...” o emprego do conjuntivo é mais complicado e pode ser usado em orações ou frases absolutas e ou orações subordinadas.

### 2.3.1 Em frases simples

O uso do modo conjuntivo em frases simples é encontrado principalmente em frases imperativas negativas. Para MATEUS, et al, (2003) o Conjuntivo “em frases simples ocorre em imperativas nos casos em que o modo Imperativo é defetivo. Mas também surge em frases com certas expressões feitas e quando a frase se encontra no escopo de advérbios como: oxalá e talvez.” Para o conjuntivo independente, Cunha e Cintra são esclarecidas como: “quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala.” (Cunha & Cintra, 1984, p. 465.)

Ou seja, o conjuntivo independente pode representar um comando, conselho ou solicitação. Podemos dizer que essa característica do o conjuntivo independente é semelhante ao “modo imperativo”, e ambas podem expressar uma possibilidade, proibição, desejo ou comando etc.

Contudo, em imperativo afirmativo, o conjuntivo independente aparece apenas na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural e na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e plural:

*Entremos!* (1.<sup>a</sup> pessoa do plural)

*Fecha a porta, se faz favor.* (3.<sup>a</sup> pessoa do singular)

*Sejam bem-vindos.* (3.<sup>a</sup> pessoa do plural)

Em imperativo negativo, o conjuntivo independente aparece em todas as pessoas, tal como no imperativo negativo «não tem nenhuma forma própria. É integralmente suprimido pelo presente do conjuntivo». Por conseguinte, existe um “conjuntivo independente” que exprime “noções imperativas”

*Não avises os teus colegas.* (2.<sup>a</sup> pessoa do singular)

*Não pague naquela caixa.* (3.<sup>a</sup> pessoa do singular)

*Não vejamos o filme hoje à noite.* (1.<sup>a</sup> pessoa do plural)

*Não bebam o leite. (3.<sup>a</sup> pessoa do plural)*

Além dos casos explicados acima, o conjuntivo independente também pode exprimir os seguintes casos:

Use o conjuntivo independente quando o verbo estiver atrás do advérbio *oxalá* ou expressões tais como *Deus queira que, quem me dera que e tomara que*.

*Oxalá todos cheguem a tempo!*

*Deus te **proteja!***

***Chovam** hinos de glória na tua alma.*

*Oxalá **falem** comigo!*

*Quem me dera que **tenhas** razão!*

Em frases simples, o modo conjuntivo também pode ser encontrado em exclamações expressando comandos, sugestões e proibições. Se o intuito da frase exclamativa é expressar um forte desejo ou uma forte indignação, será usada a 3.<sup>a</sup> pessoa e o conector *que*.

*Que todos **saibam** o que vou dizer.*

*Que se **retire** quem quiser.*

*Que não se **apague** este lume.*

*Que **levem** tudo no caixão.*

É também possível que a conector *que* não é utilizada devido à lexicalização desta expressão, e a explicação da Cunha & Cintra é «Outrora estas exclamações concordavam sempre com o sujeito. Hoje a concordância é facultativa, porque o singular adquiriu valor de interjeição». (Cunha & Cintra, 1984, p. 466).

*Viva o **Benfica!***

*Vivam os **noivos!***

*Descanse em **paz!***

*Deus te **proteja!***

Use o conjuntivo independente quando o verbo estiver atrás do advérbio *talvez* para indicar uma dúvida:

*Talvez ele **parta** amanhã.*

*Paula talvez lhe **telefonasse** à noite.*

*Um cachorro talvez **rosnasse** ou **mordesse**.*

Mas se o verbo vem após esse advérbio, o verbo usa modo indicativo:

*Ele **partirá**, talvez, amanhã.*

*A Ana **informou** o João, talvez.*

Os exemplos acima são alguns exemplos de como o modo conjuntivo ocorre nas frases simples, mas em comparação com frases simples, o modo conjuntivo é mais frequentemente encontrado em orações subordinadas, que é aquilo em que a maioria dos autores e estudiosos se concentram.

### 2.3.2. Em frases complexas

O modo conjuntivo pode ocorrer tanto em frases simples como em frases compostas, e as hipóteses de a utilizar são ainda maiores. Segundo NGPC, os termos *período simples* e *período composto* equivalem a *frases simples (...)* e *frase complexa*, frase constituída por duas ou mais orações, ou seja, com mais de um verbo principal ou copulativo. (Celso e Cunha. 2015. p. 735) No total, as frases têm mais do que um verbo principal ou copulativo, associado ou não a um verbo auxiliar são frases complexas.

*Eles são irmãos e entendem-se bem.*

*Se a mãe tem andado cansada, ajuda-a.*

*O gatinho foi encontrado pelo meu pai que o trouxe para casa.*

Designa-se oração cada uma das frases simples que associadas, foram uma frase complexas. E para formar frases complexas, as frases simples articulam-se entre si por dois processos- coordenação e subordinação.

### A coordenação (Tabela 14)

Orações	Exemplos	Noções Expressas
<b>Coordenativas</b>		
Copulativa	Ele entrou e sentou-se na cama.	Traduz a ideia de adição. A 2ª oração acrescenta à 1ª uma informação.
Adversativa	Ele foi, mas ela ficou	Introduz uma ideia de oposição em

		relação à ideia expressa na oração anterior.
Disjuntiva	Vais sair para estudar com os colegas ou ficas em casa a arrumar o teu quarto.	A 2ª oração apresenta uma ideia alternativa à que está expressa na 1ª.
Conclusiva	Ele quebrou as duas pernas, logo não pode andar.	A 2ª oração apresenta-se como uma conclusão da 1ª.
Explicativa	Espere-me um bocado, ou seja, mais cinco minutos.	A 2ª oração dá uma explicação para o facto apresentado na 1ª.

As frases paralelas são por vezes separadas por vírgulas em vez de conjunções.

Quando o elemento que introduz uma oração coordenada está expresso, estamos perante uma coordenação sintática.

*Faça boa viagem e volte logo.*

Quando o elemento que introduz uma oração coordenada não está expresso, estamos perante uma coordenação assindética.

*Faça boa viagem, volte logo.*

Embora o modo conjuntivo não seja predominantemente encontrado nas orações coordenadas, existem algumas ocorrências nas orações. Por exemplo, o conjuntivo ocorre em orações coordenadas disjuntivas como:

*Fosse pelo custo elevado, fosse pela pressão da opinião pública, o certo é que a dimensão da obra foi reduzida.*

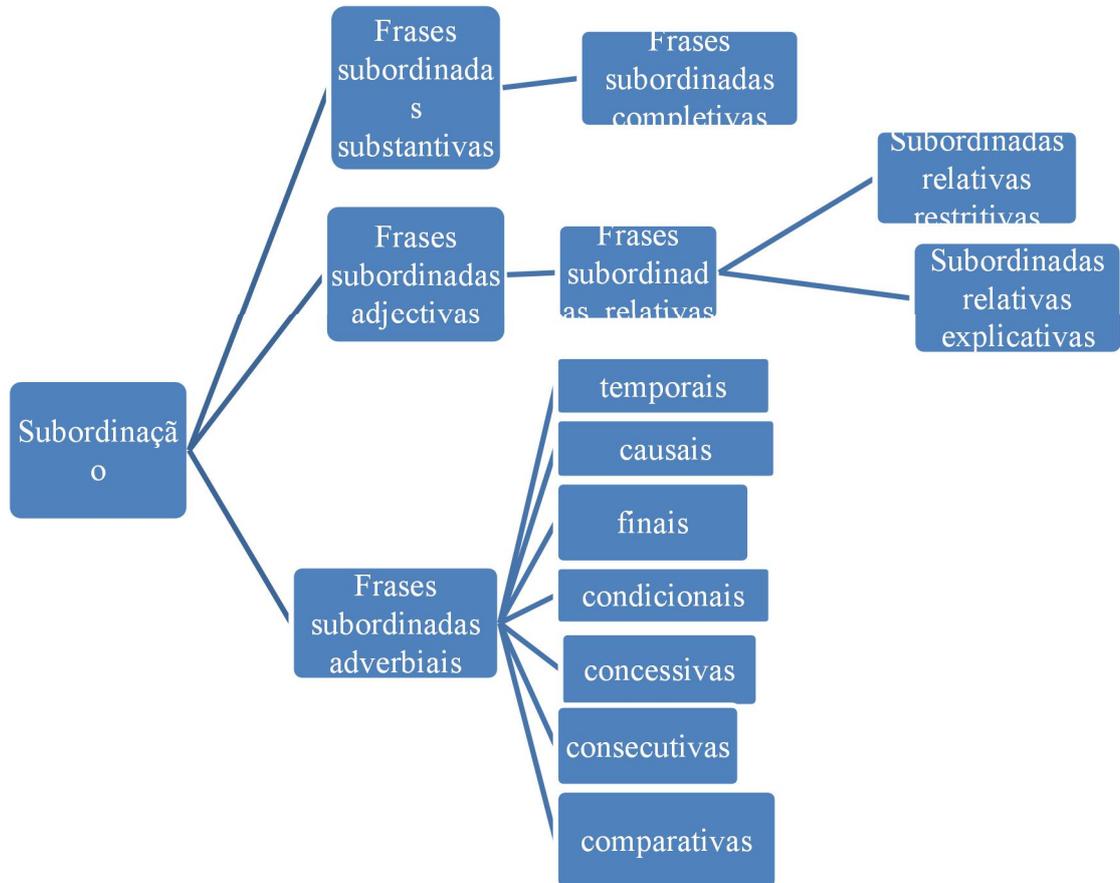
*Quer chova quer faça sol, ele faz sempre o caminho a pé.*

Coordenação copulativa com interpretação condicional como:

*Tivesse eu dinheiro e quem teria comprado a casa era eu.*

Mas quando o modo conjuntivo está presente nas orações coordenadas, as frases exprimem uma possibilidade ou hipótese relacionada com o futuro ou passado, ao contrário da utilização do modo indicativo numa frase.

## A subordinação (Tabela 15)



A utilização do modo conjuntivo nestas orações subordinadas é analisada especificamente na secção seguinte.

### 2.3.3. Em frases completivas

De acordo com Inês Duarte: sendo a frase completiva um argumento de um núcleo da frase superior, ela é sempre seleccionada por esse núcleo. (...) Consoante a categoria sintáctica a que pertence o núcleo que selecciona a completiva, a construo de complemento de nomina-se verbal, adjectival ou nominal. (Mateus, et al. 2004. p. 596.) Geralmente, as frases completivas expressam o significado principal da oração. E, em alguns casos, pode ser utilizado simplesmente como tema ou como complemento que depende de expressões impessoais.

As frases completivas podem ser distinguidas em orações finitas e não finitas. O modo verbal numa oração finita será mais simples, geralmente utilizando a forma Indicativo ou Conjuntivo. Considerando que, para as orações não finitas, o modo verbal utilizado na frase é o infinitivo flexionado ou não flexionado, ou as conjunções são precedidas por *a* e tem possibilidade de o verbo ser substituído por outra forma mais simples na frase.

*O meu pai deseja que eu encontre um bom trabalho.*

*Os médicos lamentam terem sido chamados tão tardiamente.*

### 2.3.3.1 Orações completivas finitas em português

A oração completiva finita é uma utilização do modo conjuntivo cujos dois modos são determinados principalmente pelo verbo significante, mas também podem ser influenciados por outros fatores. Inês Duarte apresentou também alguns conceitos na Gramática da Língua Portuguesa.

Há uma série de verbos que ocorrem frequentemente em orações completivas, e que incluem emoções, psicologia, comandos, pedidos, razões e justificações. Por exemplo:

*agradar, comover, contrariar, desagradar, desgostar, impressionar, interessar, ofender, preocupar, surpreender, acontecer, ocorrer, parecer, suceder, bastar, convir, dizer, ordenar, pedir, rogar, suplicar, detestar, gostar, lamentar, desejar, esperar, pretender, querer, tencionar. deixar, fazer, mandar.*

*Surpreendeu-me que ele não tiver passado no teste.*

*Esperamos que a reunião de amanhã corra bem.*

*Os pais disseram aos filhos que não se demorassem.*

*Lamentamos muito que tenha ocorrido uma situação destas.*

*Basta que você chegue às nove horas.*

*O facto de que falas oito línguas é admirável.*

Santos e Silva acrescenta que: «a seleção do modo já não é unívoca, pelo que não se pode generalizar que seja apenas o tipo de verbo da oração principal o elemento que desencadeia o modo». (Silva, M.<sup>a</sup> Helena, 1999, p. 27.) Ou seja, quando o verbo acima mencionado aparece numa frase é, a frase utiliza modo conjuntivo, neste caso indicando que o padrão da frase é determinado pelo verbo principal.

Em alguns casos, porém, o verbo não é o único determinante, e o modo utilizado pelo verbo é determinado pela atitude do falante, ou subjetiva, expressando emocionalmente uma incerteza, dúvida ou negação.

a. Alguns verbos expressam compreensão, cognição e pensamento subjetivo, como crer, achar, pensar, acreditar, imaginar e etc. Geralmente, quando esses verbos aparecem em sentenças afirmativas, os verbos da oração subordinada usam o modo indicativo; quando aparecem em sentenças negativas, os verbos da oração subordinada usam o modo conjuntivo:

*Acho que **trabalhas** muito bem. (Indicativo)*

*Não acho que **trabalhes** muito bem. (Conjuntivo)*

*Creio que **estudas** muito bem como dizes. (Indicativo)*

*Não Creio que **estudes** muito bem como dizes. (Conjuntivo)*

O verbo da oração subordinada usa o modo conjuntivo para descrever o julgamento e o pensamento expressados pelo verbo da oração principal, que é apenas um palpite, e não há certeza; se o verbo da oração subordinada usa modo indicativo, mostra que o julgamento e a ideia são basicamente fatos:

*Creio que ele **venha**.*

*Creio que ele **vem**.*

A primeira frase dessas duas frases usa conjuntivo para indicar que ele pode vir, indicando um palpite, e a segunda frase indica que ele virá, indicando um fato.

Alguns verbos expressam negação, como duvidar, negar, etc. Nas orações subordinadas a que eles levam, os verbos usam o modo conjuntivo:

*Duvido que el **estude** como diz.*

*Neguei que o meu filho **fizesse** isso.*

*Mas se não for negativo ou duvidoso, use o indicativo:*

*Não duvido que ele **estuda** como diz.*

*Não neguei que o meu filho **fizera** isso.*

### 2.3.3.2 Orações completivas de adjetivo em português

Um adjetivo exprime o mesmo significado numa oração completiva de adjetivo que um verbo faz numa oração completiva finita do verbo. Portanto, estes adjetivos são da mesma etimologia de alguns dos verbos apresentados acima e expressam o mesmo significado semântico.

Em primeiro lugar, os adjetivos que utilizam no modo conjuntivo expressam um estado de espírito ou de espírito do orador com um elemento subjetivo forte que é uma das características do modo conjuntivo. Por exemplo, dúvida, medo, receio, desejo, alegria, indignação e outros estados emocionais (duvidoso, temente, receoso, desejoso, feliz, farto, interessado, necessitado...)

*Estou **alegre** que me compre um camisola novo.*

*Estou **temente** que tenhas ouvido o seu assunto.*

O outro não é expresso emocionalmente, mas subjetivamente em termos de julgamentos e pensamentos sobre coisas como (é bom, é mau, é melhor, é suficiente, é interessante, é evidente, é fácil, é importante, é conveniente, é preciso, é possível, é claro, é normal,...Mas estes adjetivos não estabelecem um facto, ele é apenas um juízo subjetivo, e se, de facto, é como modo Indicativo.

***É bom** que estudes português.*

***Será bom** que estudes português.*

***Foi conveniente** que chegasses cedo.*

***Era necessário** que tomasse o remédio.*

***Seria melhor** que ficássemos.*

Mas se a oração principal não é um julgamento, mas um fato, o verbo da oração subordinada usa o modo indicativo:

***É sabido** que ele é bom.*

***É verdade** que ele irá à noite.*

Ambas as sentenças representam um facto, e não um palpite ou julgamento, portanto, usa-se o modo indicativo.

Como no caso dos verbos numa oração completiva finita do verbo, algumas palavras que exprimem grande certeza, como certo, evidente, claro e óbvio aparecem numa frase, a frase deve ser no modo Indicativo. No entanto, se o modo conjuntivo for utilizado numa

frase em que estes adjetivos aparecem, a palavra é precedida pela negação, ou seja, pela negação *não*.

*É certo que o filme começa depois das 9 horas.*

*Não é certo que se o relatório tenha entregueado.*

### 2.3.3.3 Orações completivas de substantivo em português

Devido às características exibidas pelo modo conjuntivo, os verbos, substantivos e adjetivos utilizados nas frases completivas apresentam todos o mesmo características semânticas. Poderíamos até dizer que são manifestações diferentes de uma mesma palavra semântica. Assim, os substantivos são também apresentados em frases da mesma forma que os adjetivos e os verbos são apresentados nas rações completivas. Por conseguinte, os substantivos também apresentam características de desejo, avaliação, autorização, proibição, modo, entre outros, por seguintes: desejo, interesse, pena, medo, receio, encanto, horror, injúria, maravilha, surpresa, aceitação, autorização, rejeição, proibição, possibilidade, probabilidade, necessidade, causa, entre outros.

*É uma pena que ele não obtivesse este trabalho.*

*É para mim uma surpresa que ganhas o concurso.*

*O fato de que falas oito línguas é admirável.*

Não obstante, Rui Marques menciona outros nomes que admitem ambos os modos na oração completiva. É o caso de nomes abstratos: ideia, hipótese, suspeita e, de acordo com Rui Marques, (Marques, R. 2006. p. 121) ele menciona algo sobre o uso da palavra dúvida num subjuntivo do conjuntivo. A frase pode utilizar tanto o modo conjuntivo como do modo indicativo quando os conceitos que indicam dúvida, hipótese, imaginação, etc., estão presentes na frase, mas como escolher entre os dois modelos depende do orador, e quando existe uma discrepância ou um fosso significativo entre o que o manifestante está a dizer e o que está realmente a acontecer. A opção de utilizar um tipo do conjuntivo é geralmente escolhida. Vejamos alguns exemplos.

*A ideia de que a Ana está/ esteja doente assusta-me.*

*A hipótese de que a Ana está/ esteja doente assusta-me.*

*A suspeita de que a Ana estava/estivesse doente preocupou-me.*

Tal como nos adjetivos e verbos anteriores, a frase utiliza o modo Indicativo quando um substantivo que indica um significado definido ocorre nas orações completivas de substantivo, mas quando um substantivo é precedido por uma partícula negativa não, a frase verbo utiliza o modo conjuntivo. Em suma, usamos o Indicativo para coisas que afirmamos subjetivamente, e usamos o Conjuntivo para coisas que negamos subjetivamente.

*Não tenho a certeza de que os meus alunos tenham sucesso.*

*Não tenho dúvida de que os meus alunos precisam de mais estudo.*

Os nomes: conhecimento, descoberta, verificação, ignorância, crença, certeza, conclusão, impressão, afirmação, confissão, denúncia, promessa, convicção, demonstração, declaração, prova, evidência, entre outros, são nomes que pretendem expressar uma atitude de conhecimento, crença, certeza ou declaração.

#### **2.3.4. Em frases relativas**

As orações relativas são as orações subordinadas iniciadas por “pronomes”, “advérbios” ou “pronomes relativos”. De acordo com a Gramática da Língua Portuguesa, existem dois tipos de frases relativas com antecedente nominal: as relativas restritivas (ou determinativas) e as relativas explicativas (ou apositivas, não restritivas). As relativas sem antecedente expreso, denominam-se relativas livres. Mas segundo MATEUS (2003), o modo Conjuntivo ocorre apenas nas orações relativas restritivas e livres, pois as relativas explicativas exibem sempre modo Indicativo. pode-se ver os seguintes exemplos com relativas restritivas, explicativas e livre.

*O Jorge, que chega sempre a horas, traz a encomenda.*

*A criança que bebe/beba leite é mais saudável.*

*Seja bem-vindo que vem/viver por bem.*

##### **2.3.4.1 Orações relativas restritivas em português**

Em Orações relativas restritivas pode utilizar tanto o modo Indicativo como o Indicativo. Na Gramática da Língua Portuguesa indica que ‘as orações relativas restritivas

contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal.’ vejamos alguns exemplos:

*O homem de que te me falaste está a chorar.*

*Gostei muito da revista cujo editorial te escreveste.*

1) *A hipótese que me apresentaste ontem é interessante.*

2) *A hipótese de que me venhas a apresentar aquele tipo agrada-me.*

Podemos ter a certeza de que a primeira oração é relativa e a segunda oração é completa. Pois na oração relativa, ele quer dizer que só a hipótese que fez ontem é interessante, partindo do princípio de que o substantivo é uma referência especial Substantivos. E há uma ligação e uma relação lógica entre o nome hipótese e o verbo apresentar. O papel subordinado também desempenha um papel no aperfeiçoamento do conceito que toda a frase está a tentar expressar. E na segunda frase, a oração completiva é um fundamento do nome hipótese, completa-o conferindo a informação contida no conteúdo da hipótese.

A oração *A hipótese que me apresentaste ontem é interessante* utiliza o modo indicativo, é claro que as Orações relativas também possam aparecer o modo conjuntivo.

3) *Ele acredita que uma cobra que tenha **saido** do mato lhe envenenou o cavalo.*

4) *Tenho alguns os sapatos que **compre** no bazar da esquina.*

A utilização das orações relativas restritivas difere, na maioria dos casos, do modo conjuntivo. Isto porque o modo conjuntivo é utilizado em frases porque a frase expressa uma hipotética. Também a verdade do substantivo na frase não pode ser determinada. A representação sobre isso do Rui Marques é ‘não admitem conjuntivo as orações relativas restritivas que ocorrem em contextos transparentes (gerados pelos verbos descobrir, faltar, haver, encontrar, etc.), contrariamente às orações relativas que surgem em contextos opacos (gerados pelos verbos faltar, procurar, querer, etc.’ (Marques, R. 2006. p. 121) O autor fundamenta também que «uma diferença entre os verbos opacos e os verbos transparentes que têm como complemento um sintagma nominal (SN) é que apenas os primeiros permitem que este tenha uma leitura não específica – uma leitura em que não são

identificadas entidades concretas – embora não esteja excluída a possibilidade de o sintagma nominal (SN) ter também uma leitura específica – em que se identificam entidades concretas. Quanto ao sintagma nominal (SN) complemento de verbos transparentes, podem ter apenas a leitura específica.» (Marques, R. 2006. p. 9) Assim, para as orações relativas restritivas, a utilização de conjunções nas frases deve ter em conta não só o contexto opaco mas também o contexto transparente.

5) *Gostávamos que comprasses um livro que fosse / \*era menos caro.*

6) *Gostávamos que comprasse o livro que era / fosse menos caro.*

7) *Quero que tenhas uma casa que seja / \*é bonita.*

8) *Quero que tenhas a casa que é / \*seja bonita.*

Nos dois conjuntos das orações relativas restritivas, é evidente que o modo conjuntivo deve aparecer nas frases 6 e 8, uma vez que os substantivos *livro* e *casa* nestas duas frases são definitivos, reais. E para as orações relativas restritivas 5 e 7, os substantivos *livro* e *casa* parecem ser apenas um conceito, um contexto que é opaco e vago. Assim, quando o conceito aparece, a frase pode aparecer sob o modo conjuntivo. Mas o modo conjuntivo não é obrigatório para ser escolhido. A escolha de utilizar o modo conjuntivo ou indicativo numa frase pode estar relacionada com o contexto e a semântica do falante na altura. Na frase 7, o indicativo é utilizado se o falante estiver seguro da existência e autenticidade da *casa*, o que significa que o contexto é transparente. Se a existência da *casa* como objeto for duvidosa ou pouco clara, utiliza-se o modo indicativo.

Para além dos casos acima referidos, o modo conjuntivo também pode aparecer em contextos transparentes. Segundo Rui Marques, há dois casos em que esta regra é agravada, o primeiro, o conjuntivo pode ocorrer nos contextos transparentes se o sintagma nominal exibir os determinantes: poucos, no máximo e menos de, (Marques, R. 2006. p. 10) tal como os seguintes exemplos:

9) *Há pouca gente que sabe / saiba ouvir música.*

10) *Há no mínimo uma pessoa que sabe / saiba ouvir música.*

No segundo caso, por outro lado, as orações relativas restritivas têm maior tendência para utilizar o modo conjuntivo do que o indicativo quando orações relativas restritivas exprimem um forte negativo.

*11) O Paulo não descobriu um livro que trate desse assunto.*

*12) Não há muitos livros que tratem desse assunto.*

Por último, no que se refere às orações relativas restritivas, somos positivos quanto à representação das orações relativas restritivas por Rui Marques: ‘Se for dada a informação de que as entidades referidas existem ou que alguém acredita na sua existência – no mundo real ou noutro mundo possível – é selecionado o indicativo. Caso contrário, é o conjuntivo o modo selecionado. (...) Assim, também em orações relativas o indicativo marca o conhecimento ou a crença, embora não se trate do conhecimento da verdade de uma proposição ou da crença nessa verdade, mas do conhecimento da existência de entidades ou da crença nessa existência, enquanto o conjuntivo, também em orações relativas, é selecionado quando não é expressa uma das atitudes marcadas pelo indicativo – o conhecimento e a crença.’ (Marques, R. 2006. p. 144)

#### **2.3.4.2 Orações relativas explicativas em português**

A oração relativa explicativa explica SN, explicando uma de suas propriedades ou circunstâncias. A oração subordinada tem pouco efeito no significado da oração principal. Mesmo que seja removida, ela não altera o significado básico da oração principal, e adicioná-la é apenas uma explicação adicional. E as orações relativas explicativas é usada como explicação adicional em uma frase composta, que geralmente é separada da frase principal por vírgula. Orações relativas explicativas também está mascarado em Gramática da Língua Portuguesa: ‘As relativas apositivas exprimem um comentário do locutor acerca duma entidade denotada por um SN, o antecedente da relativa. Ao contrário das relativas restritivas, não contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal que as antecedem; têm um carácter parentético, que é dado na oralidade por pausas e na escrita por vírgulas ou traços.’ (Mateus, M. et al. 2004. p. 671.)

*O meu pai, **que esteve aqui ontem**, virá outra vez amanhã.*

Nesta frase composta, o significado básico da frase principal "*O meu pai, virá outra vez amanhã*" é muito claro, e a oração subordinada "*que estava aqui ontem*" é apenas uma declaração adicional de que ele esteve aqui ontem.

E além disso, só o modo indicativo é permitida nas orações relativas explicativas e não no conjuntivo. como Rui Marques apresenta: 'As orações relativas explicativas ocorrem num contexto transparente, em que o SN relativizado apenas pode ter leitura específica.' (Marques, R. 2006. p. 116)

*O Tejo, que é o maior rio de Portugal, passa por Lisboa.*

*O nosso professor, que ganhou vários prémios, merece a nossa admiração.*

#### **2.3.4.3 Orações relativas livres em português**

Orações relativas livres são denominadas também frases sem antecedente exposto e, pode ocorrer com o conjuntivo. Na orações relativas livres, a frase e a palavra precedente estão normalmente ligadas por conectores diferentes.

*Fui à casa da professora com quem falei sobre o assunto.*

*A casa onde moro está no centro da cidade.*

Primeiro, quando o antecedente das orações relativas livres é parcialmente nulo, o antecedente é simplesmente indicado por algum pronome ou determinante demonstrativo, e a parte subordinada da frase utiliza *que*. Tais orações são chamadas orações relativas semilivres.

*Comprei o/ a/ os/ as que mais apreciei.*

*Vi aquele/ aquela/ aqueles/ aquelas que tinhas mencionado.*

Para além do relativo *que*, existem outros pronomes relacionais que podem ser usados nas orações relativas livres, tais como: quem, cujo, qual, etc. Uma vez que a característica de cada relativo e o significado que ela exprime são diferentes, desempenham funções gramaticais diferentes na frase.

*João é o meu melhor amigo com quem me encontro todos os dias.*

*Eu conheço aquele rapaz português cujos pais sabem falar chinês.*

Orações relativas livres podem ocorrer tanto no modo conjuntivo como no modo indicativo. Do mesmo modo, as orações relativas livres no modo conjuntivo denotam uma incerteza, enquanto no modo indicativo denota um facto, pelo que o modo indicativo também se encontra frequentemente em provérbios ou ditos.

*Quem tiver lido esse livro aprendeu muitas coisas.*

*Quem leu esse livro aprendeu muitas coisas.*

### **2.3.5 Orações subordinadas adverbiais em português**

A Gramática da Língua Portuguesa define as orações subordinadas adverbiais como: «As orações subordinadas adverbiais são constituintes sintáticos. O estatuto de constituinte das orações subordinadas adverbiais é visível pela possibilidade de, em geral, serem destacadas por clivagem ou pela possibilidade de ocuparem diferentes posições na frase.» E para os autores CUNHA e CINTRA (2015): “nas orações subordinadas adverbiais o Conjuntivo, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções. Em princípio, podemos dizer que o Conjuntivo é de regra depois das conjunções.” As orações adverbiais também podem ser consideradas circunstanciais porque exprimem de igual modo a circunstância da oração subordinante. Da mesma forma, podem ocorrer modos diferentes nas orações subordinadas adverbiais como o modo indicativo e conjuntivo. Os dois modos ainda aparecem pelo facto de a semântica expressa ser ou não real. Existem muitos tipos das orações adverbiais e estes tipos de oração subordinada são distinguidos por vários conectores na frase. Esses conectores são regidos por advérbios ou locução de advérbio e podem atuar como condicionais, causais, finais, concessivas, consecutivas, temporais e comparativas.

#### **2.3.5.1 Orações subordinadas causais em português**

Na Gramática da Língua Portuguesa as orações subordinadas causais são definidas como as que «exprimem uma relação de dependência semântica entre duas proposições, A e B. Mas sob a designação de causalidade incluem-se diferentes valores». (Mateus, M. et al. 2004. p. 711.) Em resumo: uma razão ou causa de ato da frase principal de uma frase

composta, como motivo, razão ou a relação causa. As frases são introduzidas pelas conjunções de causa.

A forma das orações subordinadas causais consiste principalmente por seguintes. Nos casos seguintes, utilizamos A e B para as duas partes da frase. A oração subordinada causal indica que existe uma relação causa entre A e B. Por exemplo, A é uma causa de B e B é uma consequência de A se A for uma condição suficiente de B.

*Houve seca em Portugal em 1981, porque não choveu.*

*A água começou a ferver porque atingiu 100 °*

Outro caso é o de motivo, razão como em:

*O João foi ao cinema, porque não lhe apetecia estudar.*

*Comprei uma prenda para a menina, porque vai fazer anos.*

As orações subordinadas causais têm formas diferentes para exprimir a causalidade:

(1) B conector A ou Conector A B. Neste caso, a oração subordinada causal indicada por A pode ser invocada através dos seguintes conectores: *porque, como, pois que, uma vez que, visto que, já que, dado que*. (Mateus, M. et al. 2004. p. 712.)

*Visto que está a chover, não vou sair.*

*Havia pouca gente porque não fazia bom tempo.*

*Como estava indisposto, não fui à aula.*

(2) A, conector B: neste caso, a causalidade pode ser expressa por uma oração conclusiva. A oração B pode ser iniciadas pelos conectores: *logo, assim, portanto, por isso, por consequência, por conseguinte, conseqüentemente*. (Mateus, M. et al. 2004. p. 713.)

*Não choveu em Portugal em 1981, por isso houve seca.*

*O bebé estava com fome, logo começou a chorar.*

Como podemos ver pela frase acima, as orações subordinadas causais utilizam quase exclusivamente modo indicativo. No entanto, também podem aparecer frases no modo indicativo, indicando uma negação de uma causa, com os seguintes conectores: *não porque, não que*.

*Não que eu não **quisesse** amar, mas mar menos, sem tanto sofrimento.*

*Eu deitei-me ir atrás daquela ternura, não que a **compartisse**, mas fazia-me bem.*

*Foi a única coisa grandiosa da minha vida, Não porque me **sentisse** apaixonado, ela também não se apaixonara por mim.*

Finalmente, existem conectores que podem ser utilizadas tanto no modo conjuntivo como no modo indicativo, cabendo ao falante decidir qual o modo a utilizar com base na sua descrição dos factos e na sua atitude.

#### 2.3.5.2 Orações subordinadas concessivas em português

Gramática da Língua Portuguesa expressa: as orações concessivas exprimem um conteúdo semântico que contrasta com aquilo que, dado o nosso conhecimento do mundo, se esperaria a partir do conteúdo semântico da proposição com a qual se combina. (Mateus, M. et al. 2004. p. 719.)

A concessão pode ser manifestada por orações finitas ou não finitas. Os conectores que nos permitem a sua introdução são: embora, conquanto, ainda que, posto que, (se) bem que, apesar de que, mesmo que e mesmo se.

*Embora você não **queira**, tem que ir.*

*Ainda que esteja a **chover**, sairei.*

*Apesar de que **fizesse** tudo, não conseguiu o que desejava.*

*O povo não gosta de assassinos, embora **inveja** os valentes.*

*- Ainda que o morto se **chamasse** Adalardo, não seria o nosso.*

Com base no exemplo acima podemos ver que quando a intenção é contra a ação da oração subordinada, e a frase contém tanto verdade como falsidade, ou as duas partes da frase, mostram dois factos opostos, pelo que o modo conjuntivo é utilizado na oração subjuntiva. Mas isto não significa que a frase não possa ser utilizada no modo indicativo,

que pode ser utilizada se as orações principais e subordinadas não se contradisserem, ou decidir com base na veracidade ou a julgar pela verdade do que a frase descreve.

Consoante a modalidade que regula a asserção, podemos ainda agrupá-las em factuais (1) (2), hipotéticas (3) e contrafactuais.

As orações concessivas factuais são orientadas para o passado ou presente e formadas com conectores como: embora, conquanto, ainda que, posto que, (se) bem que e apesar de que sempre associadas ao modo conjuntivo:

*Não irei ao concerto, **ainda que** goste de música.*

*Vamos tentar **se bem que** não consigamos.*

***Embora** fosse de táxi, não apanharás o comboio.*

As orações concessivas hipotéticas são orientadas para o futuro e também se ocorrem principalmente com o conjuntivo. Os seus conectores são *mesmo que* e *mesmo se*, assim, o seu conector *mesmo se* também é utilizada principalmente sob o modo conjuntivo.

***Mesmo se** chover, nós iremos sair.*

***Mesmo que** tenha muito trabalho, irei ao cinema.*

As orações concessivas hipotéticas é a mesma que as orações concessivas hipotéticas, os conectores são: *mesmo que* e *mesmo se*, mas eles exprimem uma contra facticidade.

***Mesmo que** tivesse estudado mais, o exame não me teria corrido melhor.*

***Mesmo que** tentemos não conseguiremos.*

Para além da situação acima descrita, as orações subordinadas concessivas podem ser expressas sob outras formas. Esta forma é chamada a concessivas intensivas, e na Gramática da Língua Portuguesa, ‘denota assim «põem em contraste a intensidade de uma qualidade ou a quantidade de uma substância e o conteúdo proposicional expresso pela oração principal; na oração concessiva é seleccionado sempre o conjuntivo». (Mateus, M. et

al. 2004. p. 720.) Assume a forma: por mais que, por muito que, por + adjetivo + que, por + nome + que, por + advérbio + que.’ por exemplo:

*Por mais que comesse, não engordei.*

*Engordarei por menos que coma.*

Por último, também em Gramática da Língua Portuguesa é afirmado que «Se considerarmos concessivas as orações com os conectores mesmo se e inclusive se, então estes podem não só construir-se com conjuntivo mas também com indicativo». (Mateus, M. et al. 2004. p. 719.) Isto mostra que é possível utilizar o modo indicativo nas orações subordinadas concessivas.

A Maria atende-te mesmo se estiver/ está cansada.

### 2.3.5.3 Orações subordinadas finais em português

As orações subordinadas finais indicam que a finalidade ou o propósito do sujeito é evidenciada pelos conectores finais numa frase composta, tal como *para que*, *a fim de que*, *porque*. Em comparação com as orações anteriores, em Gramática da Língua Portuguesa é definido como «as construções que comportam uma oração final exprimem uma relação de dependência semântica entre duas proposições, a oração principal, a antecedente (A) e a oração final, a conseqüente (B)». (Mateus, M. et al. 2004. p. 715.) Vejamos alguns exemplos.

*Faço tudo para que ele aprenda português.*

*A professora trabalha muito a fim de que os seus alunos falem bem português.*

*Para que tudo retomasse a quietude inicial, e os coelhos se resolvessem a vir gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz.*

*Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho liquidasse a casa.*

Tal como as orações concessivas, também as finais podem ser reais ou irrealis e assim também denominadas de factuais<sup>1</sup>, hipotéticas<sup>2</sup> e contrafactuais<sup>3</sup>.

*Fugiste para que ele não te visse.*

*Nós mandamos a encomenda amanhã **para que** tu recebes no teu aniversário.*

*Eu teria feito tudo **para que** tu pudesses ganhar a bolsa.*

Nos exemplos 2 e 3, o modo conjuntivo ocorre porque a verdade do conteúdo não pode ser determinada. Além disso, as percepções subjetivas e opiniões sobre objetos também influenciam a utilização de modo. Contudo, isto é mais frequentemente utilizado em finais hipotéticos e contrafactuais e menos frequentemente em finais factuais. Rui Marques, por outro lado, coloca-o desta forma: estas frases não permitem inferir se a proposição “tu viste-o” é verdadeira ou que alguém acredita nessa verdade. Por conseguinte, não estão associadas à expressão de uma atitude de conhecimento ou de crença, pelo que é selecionado o conjuntivo.

#### **2.3.5.4 Orações subordinadas comparativas em português**

As orações subordinadas comparativas em português indicam uma comparação com a situação descrita na frase principal (a oração subordinada contém o segundo componente utilizado para a comparação), e os conectores são normalmente (como ou (do) que). Para as orações subordinadas comparativas, a maioria dos factos que aparecem na frase são verdadeiros, ou acredita-se na atitude do orador em relação a eles. Assim, neste caso, a frase utiliza o modo conjuntivo.

***Como** as crianças, as mães devem ser protegidas pelo Estado.*

*Quanto a este assunto, você sabe tanto agora **como** eu sabia ontem.*

Mas as orações subordinadas comparativas também podem ocorrer com o modo conjuntivo, que é definido na Gramática da Língua Portuguesa como “Comparativas-Condicionais”, e é introduzido pelo conector *como se* (apenas o imperfeito do conjuntivo e o pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo). Quando *como se* aparece, indica um matiz hipotético e contrafactua.

*Estou aqui como se fosse em minha própria casa.*

*Ele procedeu como se fosse dono daqui.*

*As pernas tremiam-me como se todos os nervos me estivessem golpeados.*

### 2.3.5.5 Orações subordinadas consecutivas em português

Na oração adverbial consecutiva se o resultado ainda não aconteceu ou realmente não aconteceu, é apenas uma coisa planejada ou uma intenção, então o verbo está atrás em *de forma que, de que maneira, de que maneira* (todos eles podem indicar o resultado ou fazer).

Além disso, as autoras da Gramática da Língua Portuguesa também evidenciam o facto de que «a tradição gramatical considera como consecutivas apenas as orações iniciadas por que na dependência de tal, tão, tanto, tamanho e ainda as orações iniciadas pelas locuções conjuncionais de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que». (Mateus, M. et al 2004. p. 754.)

As orações subordinadas consecutivas ocorrem com o modo conjuntivo se simplesmente expressarem uma intenção ou intenção. E se o resultado se tornou um fato, o verbo usa o indicativo:

*Fale devagar de forma que todos o **compreendam**. (conjuntivo)*

*Ele pretendia falar devagar de forma que todos o **compreendessem**. (conjuntivo)*

*Ele falou muito devagar de forma que todos o **compreenderam**. (indicativo)*

*Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca, em maneira que lhe **apagasse** a cor generosa da lembrança.*

Use o conjuntivo após a *fazer com que*:

*Ele estava com as entradas e não apareceu, fazendo com que todos **perdessem** o espetáculo.*

### 2.3.5.6 Orações subordinadas temporais em português

A Gramática da Língua Portuguesa define as orações adverbiais temporais como orações que «localizam temporalmente um estado de coisas relativamente ao intervalo de tempo em que se situa o estado de coisas descrito na chamada oração subordinante ou principal». (Mateus, M. et al. 2004. p. 719.) Isto significa que, numa oração, tanto o principal como a oração subordinada devem estar dentro do mesmo prazo (passado, presente ou futuro).

*Quando ela **chegou**, **tocou** o sinal.*

*Uma está contente, **ao passo que** o outro está triste.*

A primeira frase indica duas ações no passado, portanto os verbos estão no pretérito. Na segunda frase, ao passo que significa contemporâneo, e a frase expressa um estado atual por isso, os verbos estão no presente.

Então, como em outras orações adverbiais, as orações adverbiais temporais têm alguns conectores especiais. Os que pertencem às orações temporais finitas são: quando, enquanto, na altura em que, ao mesmo tempo que, antes que, depois que, assim que, logo que, agora que, até que, sempre que, desde que, cada vez que.

*Recolha a roupa **antes que** caia a chuva.*

*Vou para casa **depois que** pare a chuva.*

***Sempre que** o cumprimento, retribui-me um sorriso.*

***Enquanto** eu dormia, ele lia.*

Também nas orações adverbiais temporais, tanto o modo indicativo quanto o modo conjuntivo podem ocorrer, e a escolha da conjunção a ser usada depende da expressão da frase a julgar. Mas, segundo Marques, existem certos conectores que só podem ser seguidas pelo modo conjuntivo, como *antes que*, *até que*:

*Vamos acabar o trabalho antes que ela **volte**.*

*Temos que acabar o trabalho antes que ela **volte**.*

*Não pararei até que ele **chegue**.*

Rui Marques propõe que «o conjuntivo é selecionado quando não existe a informação de que a proposição é verdadeira, sendo selecionado indicativo quando tal informação existe». (Marques, R. 2006. p. 162) Ou seja, Na oração adverbial temporal, quando antes que, depois que, até que, logo que, assim que, uma vez que etc. são usados para indicar algumas intenções relacionadas ao futuro, o verbo por trás está no tempo presente do indicativo e o verbo da frase principal no imperativo ou o tempo futuro do presente simples do indicativo; se declarar o fato de que aconteceu, use o indicativo, compare:

1) *Irei depois que a mãe **volte**. (um plano → modo conjuntivo)*

- 2) *Fui depois que a mãe **voltou**. (o fato → modo indicativo)*
- 3) *Não pararei até que ele **chegue**. (um plano → modo conjuntivo)*
- 4) *Ontem trabalhei até que ele **chegou**. (o fato → modo indicativo)*
- 5) *Irei logo que ele **saia**. (um plano → modo conjuntivo)*
- 6) *Fui logo que ele **saiu**. (o fato → modo indicativo)*
- 7) *Avisar-me assim que ele **saia**. (um plano → modo conjuntivo)*
- 8) *Avisou-me assim que ele **saiu**. (o fato → modo indicativo)*

No entanto, de acordo com o idioma, mesmo que a narrativa seja um fato, o antes que é seguido por o modo conjuntivo, suficiente para usar antes de mais um infinitivo para representar o fato, por exemplo:

- Ontem pensávamos acabar o trabalho antes que ela **voltasse**. (um plano)*
- Ontem acabámos o trabalho antes que ela **voltasse**. (o fato)*
- Ontem acabámos o trabalho antes de ela **ter voltado**. (o fato)*

### 2.3.5.7 Orações subordinadas condicionais em português

Segunda Gramática da Língua Portuguesa mostra que «se chama oração condicional, condicionante, antecedente ou prótase à oração de cujo conteúdo proposicional depende semanticamente o conteúdo proposicional da outra oração, a condicionada, a consequente ou apódose, também designada, na tradição gramatical, por “principal”». (Mateus, M. et al. 2004. p. 705)

Os conectores comuns utilizados nas orações subordinadas condicionais são *caso, se porventura, salvo se, sem que, uma vez que, a não ser que, desde que, conquanto que, com a condição que etc.* Um dos conectores surge mais frequentemente é *se*.

Qualquer tempo (presente, passado, futuro) pode ocorrer nas orações subordinadas condicionais e as frases também podem expressar fatos reais e irreais. Na Gramática da Língua Portuguesa, as orações condicionais, aparecem com as denominações factuais (ou reais), hipotéticas (ou potenciais) e contrafactuais (ou irreais).

- Se** o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal.*
- Se** tu vieres cedo, vamos/iremos jantar fora.*
- Se** a Terra não fosse esférica, era/seria cúbica.*

As frases acima são exemplos de frases em que o modo conjuntivo ocorre com as orações subordinadas condicionais, mas o modo conjuntivo também pode aparecer na frase. Quando as condições ou hipóteses propostas pelas orações subordinadas são completamente realistas e existem, o verbo que se segue é de modo indicativo:

*Se **cheguei** tarde, foi porque o comboio se atrasou.*

*Se **és** homem, deves ser valente.*

Nas duas frases acima, a primeira usa o pretérito porque expressa um evento que já aconteceu na realidade. A segunda frase expressa um fato objetivo, e ambas as frases indicam fatos reais, então nas frases acima ocorrem com o modo indicativo.

Para as orações subordinadas condicionais que expressam irreais, optamos sempre por utilizar o modo conjuntivo.

*Se **fizesse** bom tempo ontem, eu **teria saído** para passear.*

*Se **fizesse** bom tempo agora, eu **sairia** para passear.*

A condição ou hipótese expressa atrás de *se* é muitas vezes irreal ou impossível na prática.

A primeira frase indica que o tempo real está ruim, então “eu” não sai e aponte o tempo para o passado. A segunda frase mostra que agora o tempo não está bom, por isso que não saio. Refere-se ao presente no conceito de tempo. As autoras da Gramática da Língua Portuguesa denominam este tipo de orações condicionais por “contrafactuais” porque «estabelecem relações entre proposições que se verificam em mundos alternativos ao mundo real.» (Mateus, M. et al. 2004. p. 708)

Em suma, quando o modo conjuntivo é utilizado numa oração subordinada condicional, ela representa conceptualmente uma hipótese ou condição que normalmente é irrealista ou impossível de realizar.

## Conclusão

Neste capítulo apresentamos aquelas que são as nossas principais conclusões. Além de estudar a formação e utilização do modo conjuntivo em Português Europeu, ao mesmo tempo, o objetivo deste trabalho é o de poder fornecer a outros aprendentes e entusiastas portugueses algumas referências que tornarão o seu processo de aprendizagem mais fácil. Espera-se também fornecer aos educadores de língua portuguesa mais informação educacional disponível, a fim de melhor apreender e compreender esta categoria gramatical no seu ensino, tornando assim o ensino mais eficiente e desenvolvível.

O primeiro capítulo concentra-se o teórico gramatical do modo conjuntivo que incluiu a caracterização morfológica, o modo e modalidade do conjuntivo. O primeiro capítulo conclui que o modo conjuntivo pode representar comportamentos que ocorrem em tempos diferentes. As relações lógicas temporais entre diferentes tempos do conjuntivo são diferentes, de modo que o significado e a extensão das expressões variam de um tempo para outro.

O segundo capítulo introduz a distribuição do conjuntivo em português europeu, cobrindo a diferença entre o modo conjuntivo e o modo indicativo e o emprego do modo conjuntivo em português europeu. A maior diferença entre o modo conjuntivo e o modo indicativo é que o indicativo é um modo marcado em que o que ele expressa implica sempre certeza e verdade, e está sempre relacionado com a atitude cognitiva que expressa conhecimento ou crença. O modo conjuntivo, por outro lado, é um modo não marcado, associado a valores modais, e é sempre utilizado para representar uma ocorrência possível ou fictícia. O modo conjuntivo pode ser utilizado em todos os contextos, pelo que a sua escolha está também relacionada com a atitude expressa pelo falante em relação ao objeto. É também importante prestar atenção à formação do modo conjuntivo nos vários tempos, que é muito complexo e é uma parte importante do processo de aprendizagem para os alunos portugueses.

Em relação às ocorrências de usos do conjuntivo, concluímos que o modo conjuntivo pode ocorrer no contexto de frases absolutas e subordinadas como orações completivas, relativas restritivas/ explicativas, orações adverbiais (condicionais, causais, finais, concessivas, temporais, comparativas, consecutiva). A utilização do modo conjuntivo em frases tem geralmente um carácter do conjuntivo, uma vez que existem frequentemente

verbos, conjunções ou locuções que são utilizadas em frases. É claro que existem pequenas partes que são julgadas por caso real.

Tendo em conta os resultados deste trabalho, gostaríamos de fazer os seguintes conselhos / sugestões relativamente ao ensino/estudo do modo conjuntivo.

Para os estudantes chineses, é necessário ter uma boa compreensão das características e diferenças entre o modo conjuntivo e o modo indicativo no processo de aprendizagem do modo conjuntivo. Existem muitas semelhanças e diferenças entre estes dois modos, pelo que é importante conhecer suficientemente as características destes dois modos para poder escolher mais corretamente quando os utilizar, tanto na escrita como na fala. Para professores de estudantes chineses, pode ser dada mais prática para ajudar os estudantes a tornarem-se proficientes no reconhecimento do tempo ou tipo de frase que é utilizada no modo conjuntivo com diferentes conectores ou verbos.

Além disso, é importante que os estudantes chineses aprendam gramática não só através de muita prática de texto, mas também a utilizem para expressões orais, o que os ajudará a tornar-se mais rapidamente proficientes nesta língua e os ajudará a integrarem-se nesta má situação e a agruparem-se mais rapidamente.

Para estes estudantes, que não são falantes nativos de português, é difícil aprender a gramática de uma língua com um sistema completamente diferente, pelo que lhes cabe encontrar padrões e características no que lhes é ensinado e no que é dito nos livros, e compreendê-los e utilizá-los de uma forma que lhes seja familiar. Os professores devem dar ao aluno mais ajuda e paciência.

## Bibliográficas

António, C, S. (2013). *A definição do condicional como modo ou tempo verbal: uma análise das propostas de gramáticas escolares de Português*. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/51784/1/ACSilva%20%282013%29%2C%20Condicional.pdf>

Ana, R. (2014). *Conjuntivo: Tempos simples vs. tempos compostos*. Disponível em :<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/conjuntivo-tempos-simples-vs-tempos-compostos/32807>

Cunha, C., & Cintra, L., (2015). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Figueirinhas.

Carlos, D, T. (2016). *Distribuição dos modos conjuntivo e indicativo no português falado e escrito em angola: um contributo no estudo comparativo com o PE, numa perspetiva semântica*. Disponível em : <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/26302>

*Dicionário de Termos Linguísticos* (1990) – Vol. 1, Edições Cosmos, Lisboa.

Duarte, I., (2000). *Língua Portuguesa – Instrumento de Análise*. Lisboa: Universidade de Aberta.

Duarte, I. (2005). Subordinação completiva – as orações completivas, in M. H. M. Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. (Cap. 15). Lisboa. Editorial Caminho.

Duarte, I., (2000). *Língua Portuguesa – Instrumento de Análise*. Lisboa: Universidade de Aberta.

Eugênio. G. (2003). *Sobre o uso do conjuntivo*. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/sobre-o-uso-do-conjuntivo/11086>

Mai, R., Morais, C. & Pereira. U. (2019). *Gramática de Língua Chinesa para Falantes de Português*. Aveiro: Aveiro: UA Editora.

Mai, R. (2012). *Ensino de Chinês a Falantes de Português, o caso da Universidade de Aveiro*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Marques, R. (2010). Sobre a semântica dos tempos do conjuntivo. Sobre a Semântica dos Tempos do Conjuntivo. In: A.M.Brito, F.Silva, J. Veloso & A. Fiéis (org.). XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística- Textos Seleccionados (pp.549-565). Porto: Associação Portuguesa de Linguística. Disponível em [apl.org.pt/apl-actas/XXV-encontro-nacional-da-apl.html](http://apl.org.pt/apl-actas/XXV-encontro-nacional-da-apl.html). pp. 550-551. Disponível em:

apl.org.pt/apl-actas/XXV-encontro nacional-da-apl.html

Marques, R. (2006), *Sobre a Semântica dos Tempos do Conjuntivo*. Lisboa. PTDC/LIN/68463/2006. Pp 549-565. Disponível em:

[https://www.clul.ulisboa.pt/files/rui\\_marques/Sobre\\_os\\_valores\\_dos\\_modos\\_conjuntivo\\_e\\_indicativo\\_em\\_portugus.pdf](https://www.clul.ulisboa.pt/files/rui_marques/Sobre_os_valores_dos_modos_conjuntivo_e_indicativo_em_portugus.pdf)

Marques, R. (1995), *Sobre o Valor dos Modos Conjuntivo e Indicativo em Português*. Dissertação de Mestrado em Linguística, FLUL, Universidade de Lisboa.

Mateus, M. H. M et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Marques, L. D. L.M. (2001). *O Modo Conjuntivo e a Expressão de Tempo em Frases Completivas*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Disponível em:

Oliveira, F. (2008). *Sobre os tempos do conjuntivo*. In F.Oliveira; I. M. R. de O. Duarte (eds.). *O fascínio da linguagem : actas do Colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. (pp. 109-118). Porto: Universidade do Porto.

Oliveira, F. (2003). *Modalidade e modo*. In Maria Helena M. Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, 5.<sup>a</sup> ed. (pp. 243-272.) Lisboa: Caminho.

Oliveira, F. (2013). *Tempo verbal*. In. Raposo, E. P. et al. (eds.) *Gramática do Português* (pp. 509-553). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Osório, P. (2008), *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira. Da(s) Teoria(s) às Prática(s)*. Lisboa. Edições Lidel.

Raposo, E.B.P., Nascimento, M.F.B., Mota, M.A.C., Segura, L. e Mendes, A. (org.), (2013). *Gramática do Português* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sun, R. (2020). *Análise dos principais erros de alunos chineses no uso do conjuntivo em português*. Dissertação de Mestrado em Português Língua Estrangeira, Língua Segunda. Universidade de Aveiro.

Sutre, E. M. (2012). *O Modo Conjuntivo em Português se Castelhana: uma análise contrastiva*. Relatório de Estágio. Universidade da beira Interior.

Trinta, C. D. (2016). *Distribuição dos modos conjuntivo e indicativo no português falado e escrito em angola: um contributo no estudo comparativo com o PE, numa perspetiva semântica*. *Dissertação Mestrado em Linguística*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Wang, S. Y. & Lu, Y. B., (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. Shanghai: Editora de Ensino de Línguas Estrangeiras de Shanghai.

Duarte, I. (2005). Subordinação completiva – as orações completivas, in Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. (Cap. 15). Lisboa. Editorial Caminho.

Vilela, M. (1995), *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.